

EQUINÓCIO

Grande Loja Simbólica de Portugal

Unus pro omnibus



EQUINÓCIO



GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MAÇONARIA PORTUGUESA

nº 7

A large, light blue triangle is positioned at the bottom of the page. In the center of the triangle is a large, gold-colored letter 'G', which is a common symbol for Freemasonry.

Equinócio – Revista da Grande Loja Simbólica de Portugal

Nº 7

Lisboa, Março de 2026

Copyright 2026 ©

Grande Loja Simbólica de Portugal

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento da sua informação analógico ou digital ou por sistema de cópia, sem permissão escrita do editor. Todos os direitos desta edição reservados à

GRANDE LOJA SIMBÓLICA DE PORTUGAL.

Contactos:

equinocio@grandelojasimbolicaportugal.com

www.grandelojasimbolicaportugal.com



FICHA TÉCNICA

Coordenação: Daniel Boone.'. / Liszt.'.

Design & Paginação: P F

Tema de Capa: “unus pro omnibus”

Capa: R G

Textos: Daniel Boone.'. , Liszt.'. , Nicolas Flamel.'. , Timotheus.'. ,

António Marques, CAP, Eça de Queiroz.'. , Luís Freitas, João Pedro Santos,

Wellington Nader, Séneca.'.

Edição e adaptação: Liszt.'.





Editorial	
Sapere Aude - Liszt:’	5
Primeira Pessoa	
António Marques - Grão Mestre da Grande Loja Simbólica da Lusitânia: Um olhar sobre a Maçonaria Plural protagonizado pelo seu líder, numa entrevista que aponta caminhos de fraternidade e coesão, quer com a Grande Loja Simbólica de Portugal quer com o Grande Oriente de França, sendo uma Obediência igualmente comprometida com o desenvolvimento da Maçonaria Portuguesa e com o seu caminho da afirmação internacional e com a sua tradição maçónica	9
Papyrus	
“O Grau de Mestre e o Mito de Osíris” - Nicolas Flamel.’	16
“O III Grau e a experiência da origem: Símbolo, perda e fidelidade na via iniciática” - CAP	19
“A Mestria maçónica no século XXI” - Séneca.’	22
γνώθι σεαυτόν (Conhece-te a ti mesmo)	
“Mestria e o Mestre Maçon” - Luís Freitas	24
“Da Qualidade e das Virtudes” - João Pedro Santos	30
“Mestria - A metáfora da águia e da galinha” - Wellington Nader	32
A Palavra Circula	
“O Avental de Mestre e as suas alegorias” - Eça de Queiroz.’	36
“O Mestre Maçon, a virtude e a sua representatividade na Nossa Augusta Ordem” - Eça de Queiroz.’	38
Ágape	
“O Mitraísmo: Origens, essência, influência em Alexandria e relação com a Grande Ordem Egípcia” - Daniel Boone.’	41



Sapere Aude

A Equinócio atingiu o seu nº 7. É, simbolicamente, uma aventura que se iniciou pequena, progrediu, deu voz a tantas pessoas e tornou possível um olhar sobre tantas ideias. A Equinócio é uma revista feita de trabalhos de muitos QQ'. II'.

Ostenta já orgulhosamente a noção de uma maioria que chegou com os 7 números publicados on-line pela Grande Loja Simbólica de Portugal. No entanto é ainda imberbe e inexperiente, mas quer em todos os números editados conquistar o reconhecimento dos seus leitores pela qualidade do que se publica e pelo cuidado de escolher.

Neste número, discute-se a Mestria, numa abordagem cautelosa, mas fundamentada em vivências que são já perenes nos contributos que recebeu.

A Mestria maior: Liderança, Dever, Responsabilidade

Há momentos na nossa vida e na de uma sociedade em que as palavras ganham novo sentido. Trata-se de palavras que habitualmente são mal compreendidas ou sentidas na juventude, mas carregam uma densidade, uma gravidade que lhes confere força e profundidade. É o caso das

palavras Liderança, Dever, Responsabilidade e Mestria.

Será talvez esta última, a Mestria, que funciona como pedra angular onde as outras se equilibram e encontram o seu sentido mais essencial. Esse equilíbrio só é possível quando aquele que as busca alcançou a maioria, no sentido em que Immanuel Kant o designa no espírito da Aufklärung: a maioria esclarecida, a emergência do homem que escapa à sua minoridade, da qual ele próprio é culpado.

Por outras palavras, a maioria kantiana é a capacidade de se servir do seu próprio entendimento sem a tutela de outrem. É o imperativo categórico de pensar por si, de ousar saber (Sapere aude, cujo reflexo se não limita à emancipação individual, mas também contribui ou convida à emancipação e à superação do grupo). Ora, este estado de espírito é o solo fértil onde a verdadeira liderança pode germinar. O líder que não atingiu esta maioria é um mero repetidor de dogmas, um gestor de interesses alheios, nunca um verdadeiro timoneiro. A liderança, na sua essência, não é a arte de mandar, mas a arte de ser o exemplo, de incorporar uma visão do mundo que, pela sua autenticidade e ponderação, convence os outros

a segui-la. Não há liderança sem autonomia de pensamento, sem a coragem de enfrentar a solidão da decisão e é por isso que o líder maior de idade sabe que a sua autoridade não emana de um título, mas da coerência entre o seu pensamento e a sua acção. Definimos até aqui então o que significa ser “maior de idade” – o estado de alma que permite orientar outras pessoas, mesmo que o verdadeiro motivo seja aperfeiçoar-se a si próprio e, de certo modo, autodeterminar-se. Convocar-se à acção sobre si próprio.

Esta acção, porém, também é balizada pelo Dever.

Longe de ser uma imposição externa e castradora, o dever, na perspectiva de um espírito amadurecido, é a voz interior que nos chama à nossa própria humanidade. Para Kant, o dever é a necessidade de uma acção por respeito à lei moral. Para o líder que atingiu a maioridade, o dever não é uma lista de tarefas, mas a bússola que orienta o seu caminho. É a consciência de que, tendo a liberdade de escolher, a sua escolha deve pautar-se por princípios universais, por máximas que possam ser elevadas a algo que se considere lei geral. O dever é então o que impede a liderança de degenerar em tirania; é a âncora que mantém o poder fortemente ligado à ética. Cumprir o seu dever é o primeiro ato de liberdade.

Contudo, o dever sem a responsabilidade é vazio. A responsabilidade é o dever em acção no mundo, com todas as suas consequências imprevisíveis. Se o dever é o princípio, a responsabilidade é a sua aplicação no tecido complexo da vida. É a capacidade de responder pelos seus atos, mas também de responder ao outro que nos interpela.

Aqui, o pensamento de Emmanuel Lévinas ilumina-nos: a responsabilidade é a estrutura essencial da subjetividade, a relação ética com o outro (o rosto) que nos convoca e nos faz reféns da sua vulnerabilidade. Trata-se de uma responsabilidade sem limites que está intrinsecamente ligada ao ser e que nunca se dispensa,

nunca se exime, sobretudo e principalmente perante o mais fraco, o mais desprotegido, o faminto, o frágil, o estrangeiro – o outro. O homem maior de idade líder não é apenas responsável perante uma entidade abstrata, mas perante cada pessoa concreta que a sua liderança afeta. É esta responsabilidade que humaniza o poder e o transforma de instrumento de domínio em veículo de serviço. E é neste pensamento que se descobre a raiz do Mal que reside no abandono, no voltar a cara a esse rosto, na instrumentalização da fragilidade. Esta maioridade conquistada com tanto esforço revela a sua face mais dura. O homem maior de idade, aquele que ousa pensar por si, não pode refugiar-se na obediência cega a um código abstracto ou na comoção fácil perante o sofrimento alheio. É forçado a decidir, sabendo que qualquer decisão implicará uma perda irreparável. O dever, na sua pureza kantiana, exige que ajamos segundo máximas universalizáveis, independentemente das consequências. Mas a responsabilidade levinasiana coloca-nos perante o rosto do outro, cuja nudez e vulnerabilidade nos obriga. O que fazer quando a máxima universal “não mentir” coloque um inocente nas mãos dos seus perseguidores? Ou quando a responsabilidade para com a família exige traír um princípio de justiça profissional?

É então aqui que a Mestria emerge como a síntese de todas estas qualidades. Aquela sabedoria prática que parecia ser a síntese harmoniosa de todas as virtudes – é posta à prova no fogo do real. O mestre não é aquele que encontra uma fórmula mágica para resolver o insolúvel. Ele enfrenta a contradição com lucidez e humildade. Reconhece que entrou no domínio do trágico, onde a excelência não consiste em evitar a culpa, mas em assumi-la como parte da condição humana. Como escreveu Paul Ricoeur, “há situações em que não somos responsáveis, mas somos culpados”, em que a escolha mais justa ainda assim deixa um rasto de dor e de dívida. O homem de maior idade torna-se mestre não pelo virtuosismo técnico, nem pela perícia de quem domina uma arte ou ofício. É algo



mais vasto e profundo. É a phronesis - sabedoria prática - que conjuga o conhecimento (episteme) com a ação (praxis) e com os valores éticos. O mestre é aquele que, pela experiência e pelo estudo, conquistou um olhar profundo sobre a realidade. Isso permite não só executar, mas criar, inovar e transmitir. É o conhecimento que o mantém inserido numa matriz ética implacável que convoca a exigência de não se acomodar e mantém a tensão entre o que é e o que deve ser.

A mestria é o culminar da maioridade. Se a maioridade é a capacidade de pensar por si, a mestria é a capacidade de agir por si, com excelência e sabedoria. O mestre não precisa de tutores porque o seu saber e a sua integridade moral o tornam auto-suficiente, mas essa autossuficiência não o isola; pelo contrário, abre-o ao mundo numa atitude de serviço e de transmissão. Ele atinge o que o filósofo espanhol José Ortega y Gasset descreveria como a “vida esforçada”, a vida dedicada a um projeto exigente, por oposição à “vida naufragada” daqueles que se limitam a vegetar.

Neste sentido, a verdadeira liderança é a do mestre. Não é a liderança do político quando calcula maiorias, mas a do magister que, pelo seu exemplo e pelo seu saber, forma outros para a maioridade. O

seu dever não é apenas cumprir um mandato, mas elevar o nível de compreensão e de exigência daqueles que lidera. A sua responsabilidade é imensa, pois sabe que cada interação sua pode iluminar ou tolhar o caminho dos que nele confiam.

A Descoberta da Mestria: O Silêncio do Ego e o Olhar do Outro

A maioridade, portanto, não é um ponto de chegada estático, mas um processo dinâmico que encontra na mestria a sua expressão mais elevada. O homem maior de idade que não busca a mestria corre o risco de se tornar um espírito livre, mas vazio, uma vontade sem rumo. A mestria dá conteúdo e propósito à liberdade conquistada pela maioridade. Ela é a voz do artífice que, após anos de aprendizagem e reflexão, já não pergunta “como se faz?”, mas sim “o que é digno de ser feito?”.

Importa resgatar esta visão integradora. Importa recordar que a liderança solicita coragem à maioridade, a retidão do dever compreendido, a profundidade e a aceitação da responsabilidade e a sabedoria iluminada da mestria. Só quando o homem se torna senhor de si mesmo é que pode guiar os outros com a autoridade moral de quem não busca poder mas bem comum. Essa é a mais nobre das tarefas humanas.

Definimos então a maioria como uma certa coragem de pensar por si, e a mestria como a sabedoria de como agir. A pergunta inevitável é como se sabe/descobre que se é mestre? Paradoxalmente, creio, é difícil responder-lhe, porque a mestria não se proclama; ela é reconhecida — por nós e pelos outros — num silêncio que dispensa anúncio, que decorre de um conjunto de atitudes reflexo do compromisso e do comportamento do sujeito desse reconhecimento.

A primeira e mais desconcertante descoberta é que o mestre, no seu íntimo, raramente se sente como tal. Quanto mais profundo é o seu saber, mais amplo se torna o horizonte da sua ignorância. Sócrates, o mais sábio dos atenienses, edificou toda a sua filosofia sobre a máxima: “Só sei que nada sei”. Esta consciência aguda dos próprios limites não é falsa modéstia; é a assinatura espiritual da autêntica sabedoria. O mestre, ao contrário do pedante que julga possuir a verdade, vive numa relação de humildade com o conhecimento. Sabe que cada resposta alcançada abre dez novas perguntas, que cada técnica dominada revela a subtileza de uma arte que nunca se esgota. Assim, a primeira pista para a descoberta da mestria é, ironicamente, a sensação de que ainda se está longe dela. O deslumbramento perante o desconhecido.

Esta percepção interior, porém, precisa de ser confirmada no mundo. É no olhar do outro que a mestria se reflete e se revela. Não no olhar adulator do inferior que busca um tutor, mas no olhar do discípulo que, ao encontrar o mestre, se descobre a si mesmo capaz de ir mais longe. O mestre descobre-se na transmissão. Quando um gesto ensinado se torna autónomo, quando uma ideia semeada germina num pensamento original no espírito do aprendiz, o mestre reconhece, nesse fruto, a prova da sua própria maturidade. É um reconhecimento indireto, quase acidental: a mestria não é aquilo que se possui, mas aquilo que se é capaz de suscitar nos outros.

Há, ainda, um momento de revelação na ação serena e eficaz. O mestre descobre-se

quando age sem esforço aparente, quando a complexidade se resolve em simplicidade, quando a decisão certa surge não de um cálculo laborioso, mas de uma intuição treinada por anos de reflexão e prática. É o que os gregos chamavam de *hexis*, a disposição adquirida que torna a excelência um hábito, uma segunda natureza. Nesse instante, o artífice não pensa na ferramenta nem na técnica; a sua mão e a sua mente são uma só coisa com o objeto que criam. É um estado de graça laica, uma fluidez que só a mestria concede. E, nesse momento, o homem maior de idade pode entrever, num relance, que já não é o aprendiz que era.

No entanto, a descoberta mais profunda talvez seja a da responsabilidade. O mestre descobre-se quando compreende que o seu saber não é um privilégio pessoal, mas um património de todos. A mestria traz consigo a consciência de que se é um elo numa corrente que vem do passado e se projeta no futuro. O mestre é um jardineiro que cuida de árvores cuja sombra sabe que não poderá aproveitar.

E é aqui que a maioria se reencontra com a mestria. Porque só o homem maior de idade, livre da tutela alheia e da vaidade pessoal, pode aceitar esta posição de servo da sabedoria. Só ele pode olhar para o seu percurso e reconhecer, sem orgulho nem falsa humildade, que atingiu um patamar donde já vê mais longe, mas donde também avista, com maior nitidez, o abismo do que ainda não alcançou.

Descobrir que se é mestre não é, pois, receber um diploma ou um título honorífico. É, antes, um despertar gradual e silencioso. É acordar um dia e perceber que há nada a provar, mas há conhecimento que tem de ser partilhado, como nascente que tem de encontrar o Mar.

O homem maior de idade descobre que se torna Mestre quando percebe a grandeza de apoiar o mais frágil e é sábio se continuar a aprender e a partilhar o que sabe.

Liszt .’



1. Primeira Pessoa

Primeira Pessoa com António Marques, Grão-Mestre da Grande Loja Simbólica da Lusitânia

António Marques é Grão-Mestre da Grande Loja Simbólica da Lusitânia, Maçonaria Plural Portuguesa, desde junho de 2025.

Foi iniciado em 2013, na Respeitável Loja Isis, a Oriente de Oeiras, que trabalha o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim, o Rito da fundação da Grande Loja.

Esteve na fundação das Lojas que introduziram os outros Ritos na Obediência, a Loja Olissipo, Rito de Emulação, a Loja Do Dever e da Razão, Rito Francês, e a Loja Fernando Pessoa, Rito Escocês Antigo e Aceite. Teve o privilégio de ser o primeiro Venerável Mestre da Loja Fernando Pessoa, que levantou Colunas em 2019.

Foi Grande Oficial nos Grão-Mestrados anteriores, primeiro como Grande Secretário, com a primeira Grã-Mestre, Isabel Viana, e depois Vice Grão-Mestre,

com a Grã-Mestre Marina Jorge.

Comprometido com a defesa dos valores da maçonaria liberal e adogmática, em Portugal e além-fronteiras.

A Equinócio agradece a disponibilidade para esta reflexão escrita, que visa dar a conhecer a visão e os caminhos da Grande Loja Simbólica da Lusitânia (adiante GLSL), agora sob a sua liderança. As perguntas partem do reconhecimento da GLSL como uma Obediência plural, pioneira na prática de vários ritos, como o Memphis-Misraim, em Portugal, e com uma estratégia de crescimento focada na qualidade dos seus membros, no rigor ritualístico da sua prática e no compromisso cívico com as comunidades em que se insere. O objetivo é explorar o papel da liderança, a governação interna e os desafios crescentes da GLSL a nível ibérico, europeu e perante as questões do mundo contemporâneo.

Visão, Identidade e Estratégia

1. A GLSL define-se como a primeira Obediência Plural portuguesa, com Lojas Mistas, Femininas e Masculinas, que privilegia a “qualidade e integridade” em detrimento do recrutamento massivo. Num panorama maçónico onde a quantidade por vezes se sobrepõe, como se materializa, na prática, esta filosofia? Como é que este critério molda o perfil das diversas Lojas que a GLSL agrega e qual é o impacto desta escolha no crescimento e coesão da Obediência?

A filosofia da GLSL traduz-se num processo de admissão exigente, integração continuada e num acompanhamento constante dessa integração. A admissão começa por uma triagem exigente, normalmente a partir de indicações de Irmãos e Irmãs que pertencem à Nossa Augusta Ordem, seguida de sindicâncias e um período de aproximação que permite a ambas as partes o conhecimento suficiente para o passo que será dado. Preferimos crescer devagar para crescer de forma sólida, damos muita importância à egrégora que temos vindo a construir e a manutenção dessa egrégora resulta melhor de percursos iniciáticos acompanhados, não de números.

Na vida das Lojas, este princípio materializa-se na execução cuidada dos Rituais, em trabalhos de elevada qualidade e no acompanhamento dos Irmãos e Irmãs de todos os Graus. O perfil das Lojas tende a refletir uma enorme pluralidade, com uma vida interna rica, um calendário preenchido e uma forte disciplina de trabalho. Realiza-se no labor sobre cada um, no desenvolvimento de laços fraternais e numa forte consciência e serviço cívicos, nomeadamente através da nossa Associação Para-maçónica.

2. A GLSL integra diversas organizações maçónicas europeias e é uma Obediência irmã da Grande Loja Sim-

bólica de Portugal (adiante GLSP), ambas com ligações históricas ao Grande Oriente de França. Como vê o papel conjunto da GLSL e da GLSP no fortalecimento da maçonaria liberal portuguesa? Que projetos comuns ou estratégias de projeção poderiam ser desenvolvidas para afirmar uma voz específica e influente no contexto internacional?

A GLSL e a GLSP têm desenvolvido um trabalho comum para potenciar uma presença concertada no espaço nacional, europeu e internacional, afirmando uma maçonaria liberal, adogmática e plural portuguesa. O trabalho conjunto passa pelo desenvolvimento de sinergias com vista ao reconhecimento, pela projeção da nossa afirmação em organizações comuns e por propostas e trabalhos concretos nessas organizações.

Organizações Comuns:

- **União Maçónica Liberal Internacional (UMLI)**: Criada em 2024, com o apoio do Grande Oriente de França (G O D F). Tal como a GLSP fazemos parte do “Comité de Pilotage”. São as duas únicas Obediências Portuguesas neste núcleo central da UMLI, o que nos dá uma grande responsabilidade no seio da maçonaria internacional. Participamos ativamente na construção de uma nova visão para a maçonaria, baseada na cooperação internacional, no diálogo inter-obediências e na promoção de uma postura aberta ao futuro e aos desafios da humanidade.

- **Aliança Maçónica Europeia (AME)**: composta por obediências maçónicas de vários países europeus, criada para promover e divulgar os valores e princípios maçónicos, constituindo uma associação destinada a representar a Maçonaria europeia no diálogo com as instituições europeias e os países europeus em geral. A GLSL organizou duas Assembleias Gerais da AME em Lisboa.



Condução, Coesão e Escolhas Litúrgicas/Ritualísticas

3. *Liderar uma Obediência com Lojas espalhadas de norte a sul do país exige equilibrar unidade e diversidade. A GLSL pratica quatro ritos diferentes (Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim, Rito Escocês Antigo e Aceite, Rito de Emolação e o Rito Francês). Que mecanismos de governação se utiliza para garantir o rigor ritualístico e doutrinário em cada um, enquanto promove uma identidade fraternal comum a todos os obreiros? Como é gerida a autonomia das Lojas em relação à orientação da Grande Loja?*

A nossa governação combina uma linha hierárquica bem definida, clareza ritualista e linhas de trabalho condizentes com o espírito da GLSL, garantindo que todas as Lojas trabalham sob uma mesma linha de princípios, independentemente do Rito praticado e do local a que pertencem.

O Conselho da Ordem (CO) é o órgão executivo, presidido pelo Grão-Mestre, reúne quinzenalmente para deliberar sobre todos os assuntos que digam respeito ao funcionamento regular da Lojas e à Grande Loja, de natureza administrativa, condução dos metais, hospitalagem, património, etc.

Existem Comissões Ritualísticas encarregues da elaboração e acompanhamento dos Rituais, idênticos para todas as Lojas do mesmo Rito, com a aprovação final pelo CO.

No final de cada ano Maçónico, cada Loja elabora um Plano de Ação para o ano seguinte, que é submetido e aprovado pelo CO. Esse Plano é completo no que respeita ao calendário e aos temas trabalhados em cada sessão. Cada Loja envia um dossier mensal para o CO, com o resumo do seu trabalho, que deve estar em consonância com o Plano de Ação aprovado.

• **União Maçónica do Mediterrâneo (UMM):** constituída por Obediências Maçónicas da bacia do Mediterrâneo (Europa, Norte de África e Médio Oriente), com o objetivo de propagar os valores e princípios das Obediências Maçónicas Liberais dos países de cultura mediterrânea. A GLSL organizou o XIX Encontro da AME, em 2019.

• **CLIPSAS:** é uma organização Internacional que agrupa atualmente mais de 100 Obediências maçónicas.

No decorrer deste ano Maçónico foi criada a figura de Grande Inspetor, que visita as Lojas com regularidade, e é como garante do bom funcionamento de tudo quanto se encontra instituído.

A autonomia das Lojas funciona neste contexto, onde o governo interno, as temáticas de trabalhos, as iniciativas cívicas e os ritmos de funcionamento vão criando uma egrégora própria em cada Loja. A Grande Loja intervém para assegurar unidade de princípios, qualidade ritual e solidez disciplinar.

4. A GLSL afirma ser “pioneira na introdução de novos Ritos Maçónicos na Maçonaria Plural Portuguesa”. Tal diversidade é um sinal de riqueza, mas também um desafio prático para a coesão. Como se garante o “grande rigor ritualístico e o profundo conteúdo Esotérico e Espiritual” que a Obediência afirma praticar, em simultâneo com a diversidade de quatro tradições ritualísticas distintas? Que mecanismos de formação e supervisão estão implementados para preservar a autenticidade e a profundidade de cada via iniciática?

A GLSL foi criada sob a influência de um rito vincadamente esotérico e espiritualista, o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim. Só progressivamente, com o crescimento sustentado da Grande Loja, foram incorporados outros Ritos, primeiro o Rito de Emulação, depois o Rito Escocês Antigo e Aceite e, mais recentemente, o Rito Francês.

Há uma condição importante de suporte a esta pluralidade de Ritos: para todos temos as Cartas Patentes do GODF, que nos transmitem o conhecimento e a tradição secular de cada Rito.

A existência de quatro ritos (ou mais, se o futuro assim o ditar) é mais um desafio que nos é colocado, exige disciplina, conhecimento e acompanhamento. Assenta na definição de linhas

de transmissão: Mestres qualificados, com conhecimentos sustentados, asseguram a transmissão da tradição e dos conhecimentos de cada Rito.

5. A Obediência enfatiza a “qualidade e integridade dos seus membros”. Esta filosofia aplica-se também à escolha e orientação dos trabalhos rituais. Como é exercido, na prática, o sentido crítico na seleção dos trabalhos e temas a aprofundar nas Lojas? Existe um equilíbrio deliberado entre a fidelidade à tradição de cada Rito e a adaptação dos seus símbolos e ensinamentos aos questionamentos dos obreiros no século XXI?

Uma primeira nota para afirmar que a GLSL, tendo nascido no século XXI, sempre tem feito o seu caminho com os pés assentes neste século.

O sentido crítico exerce-se através da programação que foi referida anteriormente. Dentro do espírito do Rito e dos princípios da Nossa Augusta Ordem, cada Loja trabalha sob um Plano concebido com rigor e conhecimento. Consoante o Rito, os trabalhos poderão ter uma abordagem mais simbólica, mais societária, ou uma conjugação de ambas. O importante é que todos os trabalhos tenham relevância iniciática, resultem de fontes de qualidade, se insiram dentro do Ritual e origem debate fraterno e autêntico.

Pretende-se uma interação entre a estrutura e os símbolos fornecidos pela tradição maçónica, conseguindo que dialoguem com os desafios do presente.

A Maçonaria Perante os Desafios da Humanidade

6. A GLSL tem uma responsabilidade acrescida, devido à profunda ligação ao GODF, nomeadamente à resistência a regimes totalitários, como mencionado no discurso fundacional da Loja Seara Nova, que recorda a luta contra “a

Ditadura, o Obscurantismo, a Repressão". Tendo por base este legado histórico de resistência ao obscurantismo, como define a Obediência o seu papel e dever cívico face ao recrudescimento atual de ideologias extremistas, sejam políticas, sociais ou religiosas? De que forma os valores e o método maçónico podem ser um antídoto para estes fenómenos?

A herança maçónica de resistência a ditaduras e obscurantismos, inspira um dever cívico claro de defender a dignidade humana, a liberdade de consciência e o Estado de Direito, com firmeza, sem facciosismos, sem partidarismos.

O método maçónico de trabalho em Loja, debatendo com rigor e fraternidade, ajuda a discernir, a escutar e a identificar a verdade, combatendo a manipulação e o medo.

GLSL é responsável pela formação de Obreiras e Obreiros livres e conscientes das suas obrigações, de luta contra um mundo em crescente polarização. Cada um de nós é responsável por promover educação cívica e cultura do diálogo, afirmando princípios universais como os direitos humanos e o pluralismo.

A escolha não é o ruído; é a serenidade e a firmeza de quem conjuga luz interior com ação justa. Cada Loja, e a Grande Loja em geral, torna-se uma oficina de coragem, onde se combate o medo e o ressentimento e se trilha um caminho de construção do bem comum.

7. *A Ética é descrita como central na formação maçónica, sendo a busca da Verdade indissociável da prática do bem. Num mundo polarizado, a noção de "bem comum" parece cada vez mais frágil. Como podem as Lojas, enquanto espaços de reflexão livre e desapaixonada, contribuir para o desenvolvimento de uma ética que una em vez de dividir? Que trabalho específico pode ser feito para que os obreiros sejam, de*

facto, "guardiões da ética e da moralidade" numa sociedade frequentemente guiada por interesses particulares?

A resposta a esta questão está profundamente ligada à da questão anterior. Uma Loja maçónica funciona como um laboratório, ou um "atanor", na linguagem da tradição, onde se cultiva bem pensar, bem dizer e bem fazer, onde se fomenta uma vertente vincadamente ética.

Trabalhar sobre virtudes é uma tradição maçónica, são constantemente invocadas a justiça, a fortaleza ou a temperança, dentro de uma ética de diálogo, que garanta a argumentação e a escuta e reduza a polarização.

Após o trabalho na Loja, a nossa responsabilidade ética é colocar os princípios em prática, com propostas e atuações concretas nas nossas vidas, nas nossas profissões, na comunidade. Refiro novamente o papel da Associação Para-maçónica a que pertencemos, de serviço comunitário, de colocar realmente as mãos na massa, funcionando como exemplo.

8. *Para além da filantropia, os desafios globais são complexos e estruturais, exigindo reflexão profunda. Qual é a visão da GLSL sobre a intervenção de uma escola iniciática nos grandes debates éticos contemporâneos (ex.: justiça social, desenvolvimento tecnológico, crise ecológica)? Como se pode passar da reflexão no templo para uma influência positiva e construtiva no debate público mais amplo?*

No Templo, com a linguagem simbólica da Maçonaria, são debatidos naturalmente temas da atualidade, mas o trabalho aí realizado não é objetivamente divulgado. Compete a cada Maçon, dentro das suas capacidades, fazer refletir individualmente esse trabalho fora do Templo.

Mas a Maçonaria divulga amplamente

as suas ideias e os seus trabalhos. Uma das principais linhas de atuação das Organizações Internacionais das quais fazemos parte, tem sido exatamente o trabalho em temas como a Justiça Social (dignidade do trabalho, inclusão, combate à pobreza e às discriminações), o Desenvolvimento Tecnológico (ética da Inteligência Artificial, proteção de dados, impacto sobre autonomia humana e Democracia) ou Crise Ecológica (economia, responsabilidade inter-geracional). Frequentemente são divulgadas as linhas orientadoras desses trabalhos.

Há eventos maçónicos abertos ao mundo profano, como é exemplo o III Salão do Livro Maçónico, entre 14 e 15 de Março de 2026, que tem participação (e organização) da GLSL e da GLSP. Os eventos desta natureza são divulgados à sociedade em geral, que pode participar nos mesmos, visitar stands de várias editoras, falar com os Irmãos e Irmãs presentes e assistir às conferências sobre temas maçónicos e da atualidade.

Divulgamos no nosso site e nas redes sociais eventos com significado ou princípios que defendemos. Pontualmente, podemos divulgar pela Comunicação Social algumas ações em que estejamos envolvidos, como aconteceu recentemente com o apoio a vítimas das tempestades deste ano, que assolaram principalmente o Centro / Sul do país.

O método maçónico não passa pela visibilidade permanente e quando nos apresentamos à sociedade em geral não é com o objetivo de simplesmente nos mostramos, será sempre com o objetivo de influenciar positivamente com o nosso exemplo.

Balanço entre Acção no Mundo, Discrição e Legado

9. A acção social da Obediência GLSL paralela à da GLSP, como fica patente



no envio de computadores para crianças ucranianas, demonstra uma preocupação humanista pragmática.

Como é que a prática do trabalho ritualístico e esotérico nos templos se relaciona e inspira a ação concreta no mundo profano? Que balanço pode adiantar do que se conseguiu até ao momento? Que impulsos podem ser fortalecidos para mobilizar mais mudança e progresso?

A questão já foi, de alguma forma, abordada em pontos anteriores. O trabalho em Templo, sob símbolos, executando o ritual, é a fonte de inspiração para o trabalho no mundo profano, dá intenção, disciplina e sentido à ação do maçom.

O método maçónico, de trabalho sobre si mesmo, assenta em vários pilares, sendo dos mais conhecidos a defesa

da nossa divisa **Liberdade, Igualdade e Fraternidade**. O Iniciado recebe a obrigação de influenciar positivamente estes domínios, na educação, na cultura cívica, no apoio aos mais vulneráveis ou na defesa de liberdades.

O envio de computadores para crianças ucranianas, durante a guerra, é um exemplo prático, de entre muitos outros. Sempre apoiámos discretamente famílias em crise e aqueles com necessidades várias, quer diretamente, quer em parceria com associações. Já foi referido anteriormente, como exemplo, o apoio e o trabalho recente que desenvolvemos em resposta a situações de necessidade provocadas pelas tempestades deste Inverno. Criámos também situações de apoio noutros domínios, como o jurídico ou a saúde.

Mas, para além das ações em conjunto, o trabalho do Templo faz-se sentir fundamentalmente na ação de cada maçã na sua vida profana, na sua comunidade, na sua área profissional, naqueles que lhe são próximos e consegue influenciar, comportando-se como um exemplo para todos.

10. O Convent de Verão de 2025, que o instalou como Grão-Mestre, foi descrito como um momento de “renovação do impulso progressista”. Quando olhar para trás no final do seu mandato, qual é a principal marca ou direção que gostaria que ficasse associada à sua liderança na história ainda jovem da Grande Loja Simbólica da Lusitânia?

Não é possível falar do surgimento da GLSL, sem referir a GLSP. Foram Mes- tres da GLSP, face ao panorama da Maçonaria portuguesa à época, e por acreditarem firmemente que a mulher tem um papel fundamental na evolução da Maçonaria, que fizeram surgir, em novembro de 2009, um pequeno Triângulo Maçônico, o Respeitável Triângulo Isis, para que pudessem ser

iniciadas as primeiras mulheres.

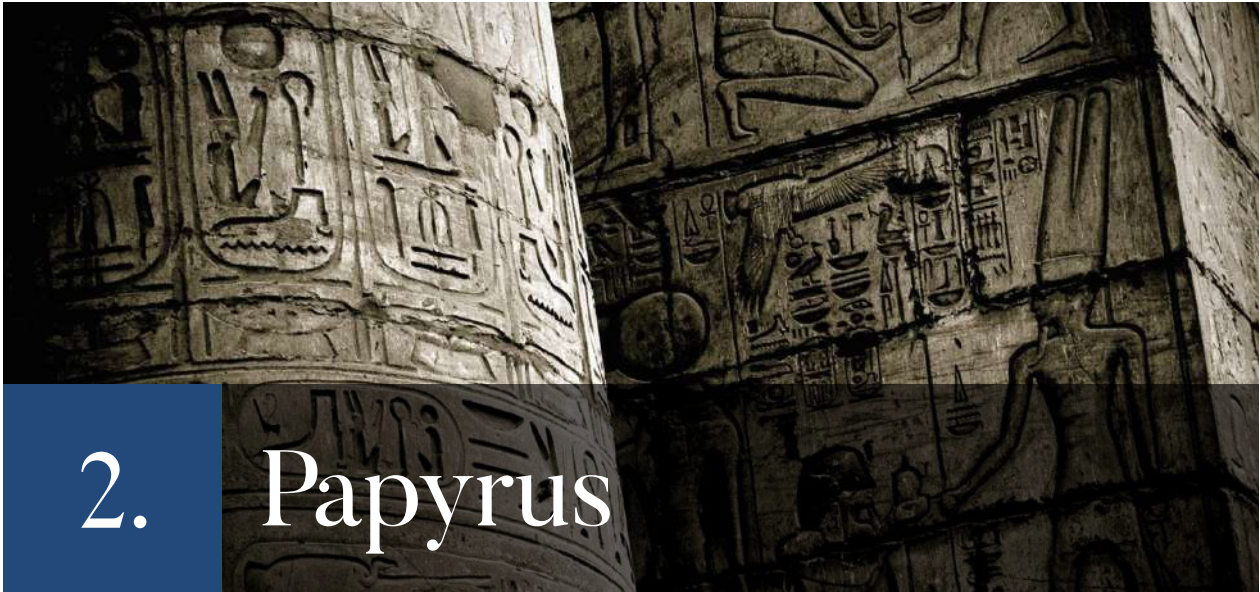
Lado a lado, homens e mulheres defenderam este princípio e lutaram contra adversidades para que pudesse assim levantar colunas, em maio de 2011, a Respeitável Loja Isis. Ao ser consagrada, estabeleceu um marco histórico na Maçonaria Portuguesa, tornando-se na primeira Loja da Via Mista a trabalhar o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim. Desta forma, a Respeitável Loja Isis, e as outras que lhe sucederam, continuaram o seu trabalho formalmente sob os auspícios da GLSP, até junho de 2016, quando se deu a consagração e instalação da GLSL, com a legitimação do GODF.

A Grande Loja cresceu entretanto, mantendo sempre o que foi o motor fundamental, uma grande união entre todos e um verdadeiro sentido de Fraternidade. Atualmente temos 21 Lojas e praticamos quatro Ritos, todos com as Cartas Patentes do GODF.

O caminho da GLSL, Obediência ainda jovem mas suportada na tradição secular transmitida pelas suas Cartas Patentes, resulta do trabalho de todas as Irmãs e de todos os Irmãos que a compõem, mas está fortemente marcada pelas personalidades que a conduziram até então, em primeiro lugar, o ideólogo e responsável pela sua criação, o M.:Q.:I.: Pedro Rangel, a primeira Grã-Mestre, a M.:Q.:I.: Isabel Viana, e a Grã-Mestre que me antecedeu e que me passou o Malhete, a M.:Q.:I.: Marina Jorge. No final do Mandato, o que pretendo é avaliar que continuei bem o caminho trilhado pelos meus antecessores, de afirmação de uma Obediência Plural no seio da Maçonaria portuguesa e internacional.

António Marques

Mui Respeitável Grão-Mestre da Grande Loja Simbólica da Lusitânia



2. Papyrus

O Grau de Mestre e o Mito de Osíris

Desmembramento e regeneração na experiência da Mestria

Ao refletir sobre o Grau de Mestre, a primeira palavra que me ocorre é caminho.

A Mestria, tal como é vivida no plano ritual, não representa uma coroação estática nem um ponto de chegada definitivo, mas antes uma rutura necessária que possibilita a transmutação interior do iniciado.

Algo tem de morrer para que algo de novo possa surgir, e essa morte, longe de ser um mero símbolo dramático, constitui o eixo central de toda a Maçonaria simbólica.

Os três primeiros graus da Maçonaria não devem ser entendidos apenas como etapas sucessivas de um percurso evolutivo, mas sim como fundações estruturais sobre as quais se ergue o edifício iniciático.

Por isso, o drama do Mestre não pode ser percebido como um episódio

isolado ou como um êxtase narrativo, circunscrito ao terceiro grau; mais do que isso, é a matriz arquitetónica onde germinam todos os desenvolvimentos subsequentes.

Fidelidade, violência, perda, busca e elevação não são momentos dispersos, mas elementos constitutivos de uma mesma gramática iniciática cuja estrutura permanece intacta ao longo de toda a construção maçónica.

Foi precisamente a consciência dessa estrutura profunda que me levou a reconsiderar o mito de Osíris, não como fonte histórica direta, mas como espelho simbólico capaz de iluminar o sentido da Mestria.

O Mito de Osíris e a dispersão da unidade

No antigo Egipto, Osíris é assassinado por Set, que desmembra e dispersa o seu corpo.

Não se trata apenas de uma morte, mas

de fragmentação, de quebra da unidade primordial que sustentava a ordem. A violência do ato não tem apenas um valor narrativo; exprime simbolicamente a experiência da desintegração.

The Ancient Egyptian Pyramid Texts diz-nos: “Levanta-te, ó Osiris; tu não morreste.”

Esta formulação não nega a morte física, mas afirma que ela não constitui o termo final da existência.

Como observa Jan Assmann em *Death and Salvation in Ancient Egypt*, na teologia do Mito de Osiris a morte não é anulada, mas integrada como condição de regeneração.

O iniciado “torna-se Osiris” porque participa no seu percurso e renasce com ele, assumindo um novo ser que não corresponde a um simples regresso ao estado anterior.

A recomposição, operada por Ísis, não restaura a antiga condição terrena; inaugura outra ordem. A unidade perdida não é recuperada como mera repetição do passado, mas como transfiguração e transmutação.

Hiram: fidelidade, perda e recomposição

Em maçonaria, na transmutação de Mestre, não se encena apenas um crime lendário: dramatiza-se uma desagregação interior que diz respeito a cada iniciado. Hiram Abiff não morre por fraqueza ou hesitação; morre por fidelidade a um princípio que considera inegociável. É precisamente essa fidelidade que confere sentido à prova.

A verdadeira transmutação do candidato não reside no assassinato em si, mas no que se segue: o corpo é procurado, reencontrado, reconhecido e, por fim, elevado. Tal como no Mito de Osiris, não há recomposição espontânea; é necessária uma intervenção.

Em Osiris, essa intervenção é a de Ísis; na Mestria, é a intervenção da Loja; em ambos os casos, é também a do Trabalho, entendido como ação consciente e operativa sobre a dispersão.

Em The Ancient Egyptian Pyramid Texts, a expressão “o morto torna-se Osiris” indica uma transformação do ser: não se regressa ao que se era, assume-se uma outra forma de existência.

De forma análoga, o Mestre não retorna ao ponto de partida, mas atravessa, simbolicamente, a morte e emerge renovado, transmutado, portador de uma consciência ampliada.



Como sintetiza Wilmshurst, W. L. em *The Meaning of Masonry* “A história de Hiram é a história da alma”, destacando que o drama ritual traduz uma realidade interior universal.

A verdadeira Mestria

O Grau de Mestre estabelece uma plataforma ritualística comum: a construção do Templo interior passa inevitavelmente

te pela morte simbólica. Retomando a leitura de *Death and Salvation in Ancient Egypt*, de Jan Assmann, poder-se-ia dizer que a renovação não consiste em escapar à morte, mas em atravessá-la conscientemente.

O aspeto mais marcante do mito de Osíris não é a violência do desmembramento, mas a recomposição que se lhe segue.

Da dispersão nasce uma unidade nova, transfigurada; Osíris não regressa ao trono terrestre, mas torna-se senhor de outra ordem.

De modo semelhante, o Mestre não retoma simplesmente à condição anterior, mas assume uma responsabilidade distinta, marcada pela consciência da morte interior que viveu.

Talvez aqui resida a verdadeira Mestria: não na afirmação do poder, mas na integração da perda; mesmo quando tudo parece fragmentado e disperso.

Conclusão

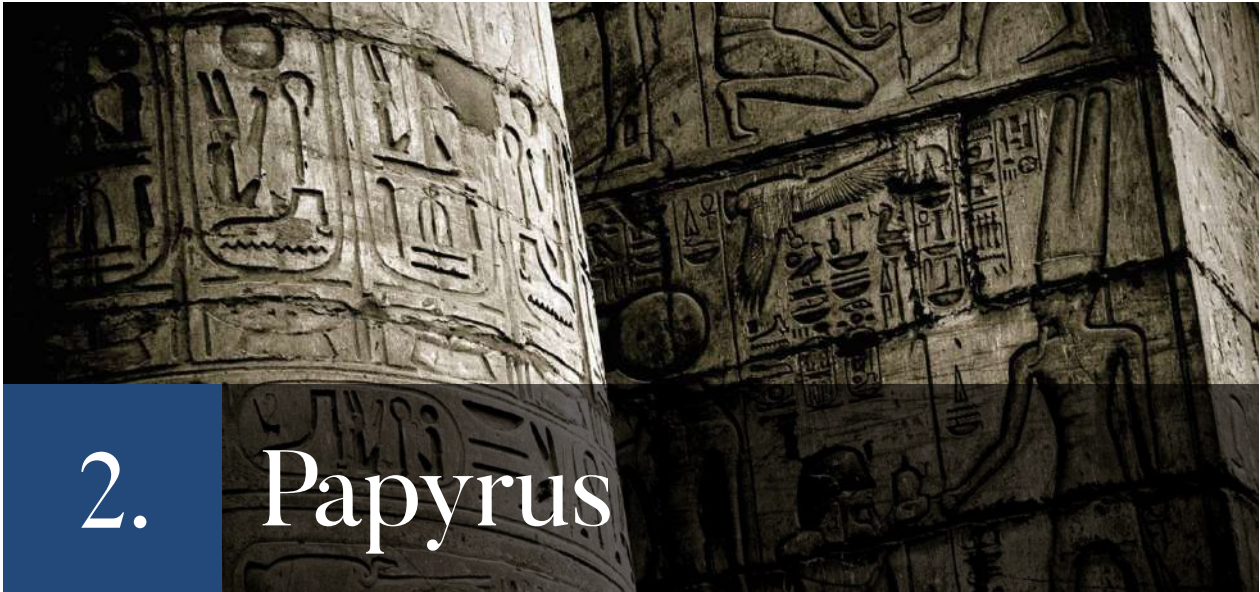
O paralelismo entre Hiram e Osíris não pretende demonstrar uma continuidade histórica direta, mas revelar uma gramática iniciática universal que pode ser expressa numa sequência clara: morte, dispersão, procura, recomposição e elevação. Esta estrutura corresponde a uma realidade humana profunda e intemporal.

É por isso que, séculos após a sua formulação, o drama do Mestre continua a tocar-nos com particular intensidade: cada um de nós sabe, de algum modo, o que significa perder-se na fragmentação... e o que significa ser erguido para uma unidade mais consciente.

Disse.

Nicolas Flamel





2. Papyrus

O III Grau e a experiência da origem: Símbolo, perda e fidelidade na via iniciática

No III Grau, a luz não se recebe nem se possui, suporta-se, e só permanece aquele que aceita atravessar a noite sem garantias.

Há experiências que não pertencem apenas a uma tradição, mas à própria condição humana.

A experiência do limite, da perda e da responsabilidade surge, sob formas distintas, em todas as culturas que procuraram pensar o sentido da vida e da morte.

A Maçonaria não é exceção. No seu percurso simbólico existe um momento em que essa experiência se torna particularmente densa e exigente, momento que se convencionou designar III Grau.

Não se trata de um ponto final nem de uma etapa hierárquica no sentido vulgar. Trata-se de uma passagem interior. Uma dessas passagens que não se me-

dem pelo tempo, mas pela transformação silenciosa da relação do homem consigo próprio, com o conhecimento e com aquilo que o transcende.

Há um instante, difícil de datar e impossível de ensinar, em que o símbolo deixa de ser apenas linguagem e passa a ser responsabilidade. É nesse instante que a origem deixa de ser memória e passa a ser tarefa.

O III Grau pode ser compreendido precisamente assim, como origem em sentido forte. Não como início cronológico, mas como regresso ao princípio que reconfigura a forma de habitar o saber e o mundo. O conhecimento deixa de ser uma acumulação e passa a ser uma exigência. Deixa de ser posse e passa a ser cuidado.

Até esse ponto o caminho é, em grande medida, pedagógico. Aprende-se a ver,

a escutar, a ordenar, a construir. Aprende-se a reconhecer limites e a respeitar formas. Mas há um momento em que esse movimento deixa de bastar. Não porque esteja errado, mas porque se torna insuficiente.

O que se pede então não é mais saber, é outra relação com o saber. Não é mais clareza, é a capacidade de permanecer diante do que não se deixa esclarecer totalmente. Não é domínio, é responsabilidade.

A origem evocada neste grau não se confunde com um acontecimento histórico nem com um começo localizado no tempo. É um retorno no sentido mais exigente do termo. Aquilo que permanece quando o acessório se dissolve. O que não pode ser substituído.

Quem percorre este caminho acaba por reconhecer, mais cedo ou mais tarde, que existem zonas da existência que não se ordenam, que não se dominam e que não respondem quando interpeladas. É aí que o símbolo se adensa e deixa de consolar.

A ideia de continuidade linear perde consistência. O progresso deixa de parecer seguro. A fidelidade deixa de prometer reconhecimento. E a verdade deixa de coincidir com a conveniência social.

A chamada palavra perdida surge neste horizonte como figura maior. Não como um objeto extraviado nem como um enigma técnico. Surge como a consciência de falta. Uma falta que não é acidente nem erro, mas condição.

Há sempre algo que escapa. Algo que não se nomeia sem se empobrecer. Algo que se procura sabendo que não será possuído definitivamente.

É talvez aí que nasce a dignidade da procura. Não na certeza, mas na persistência. Não na posse, mas na responsabilidade diante do que não se possui.

Se a palavra fosse plenamente encontrada não haveria iniciação, apenas transmissão. Não haveria caminho, apenas repetição. O que se recebe não é a palavra, é o dever de a procurar.

E procurar implica custo.

A figura de Hiram surge, nesse ponto, como arquétipo de fidelidade. Não como a personagem histórica, mas como a expressão simbólica de uma escolha. Permanecer fiel quando seria mais fácil ceder. Manter a integridade quando o mundo sugere adaptação.

A sua morte não é punição nem acaso. É uma consequência interna dessa fidelidade. Não há dramatismo excessivo nisso, há coerência.

Há valores que não sobrevivem à acomodação. Ou se vive por eles aceitando risco e solidão, ou deixam de ser valores e passam a ser apenas linguagem.

Cada geração reencontra esse momento. Cada homem reencontra essa escolha. Nem sempre de forma visível, quase sempre de forma silenciosa.

A morte simbólica associada a este grau não pertence ao domínio da moralização nem da encenação. Pertence ao domínio da transformação interior.

Algo tem de cessar para que outra forma de presença se torne possível. Não o corpo, mas a ilusão de domínio. Não a vida, mas a pretensão de possuir o sentido.

Há um ponto em que se compreende que a luz não se recebe como propriedade. Suporta-se. Permanece apenas quem aceita atravessar a noite sem garantias.

A obscuridade deixa de ser inimiga. Torna-se condição. Não se trata de dissipá-la, mas de aprender a habitá-la sem desespero e sem fuga.

A luz iniciática não elimina a noite. Dá-lhe forma e limite.



E servir, neste plano, não é submeter-se. É permanecer fiel quando seria mais simples desistir.

A vitalidade de qualquer tradição mede-se nesse ponto. Sempre que se reduz à sociabilidade, ela esvazia-se. Sempre que se converte em prestígio simbólico sem exigência interior, ela perde densidade.

O regresso ao III Grau é sempre o regresso à pergunta essencial. Para que serve a obra se não transforma o obreiro. Para que serve a palavra se não custa. Para que serve o templo se não houver homens dispostos a sustentar o peso da fidelidade.

Há momentos em que estas perguntas deixam de ser retóricas e passam a ser inevitáveis.

Nesse horizonte a acácia aparece como um sinal discreto de continuidade. Não como a promessa de vitória visível, mas como a memória de fidelidade. Algo que permanece quando a obra parece interrompida aos olhos do mundo.

Viver de tal modo que algo de essencial subsista depois da passagem. Não como glória, mas como rasto de coerência.

Ser Mestre não é ocupar um lugar. É aceitar uma responsabilidade que não se anuncia. Não há garantias exteriores. Não há recompensas asseguradas. A autoridade nasce, quando nasce, da coincidência difícil entre o que se diz e o que se vive.

O Mestre não é o que sabe mais. É o que suporta uma maior exigência interior sem trair o essencial.

Há nisso uma forma particular de solidão. Não de isolamento, mas de lucidez. Ninguém responde por nós. Ninguém atravessa por nós aquilo que tem de ser atravessado.

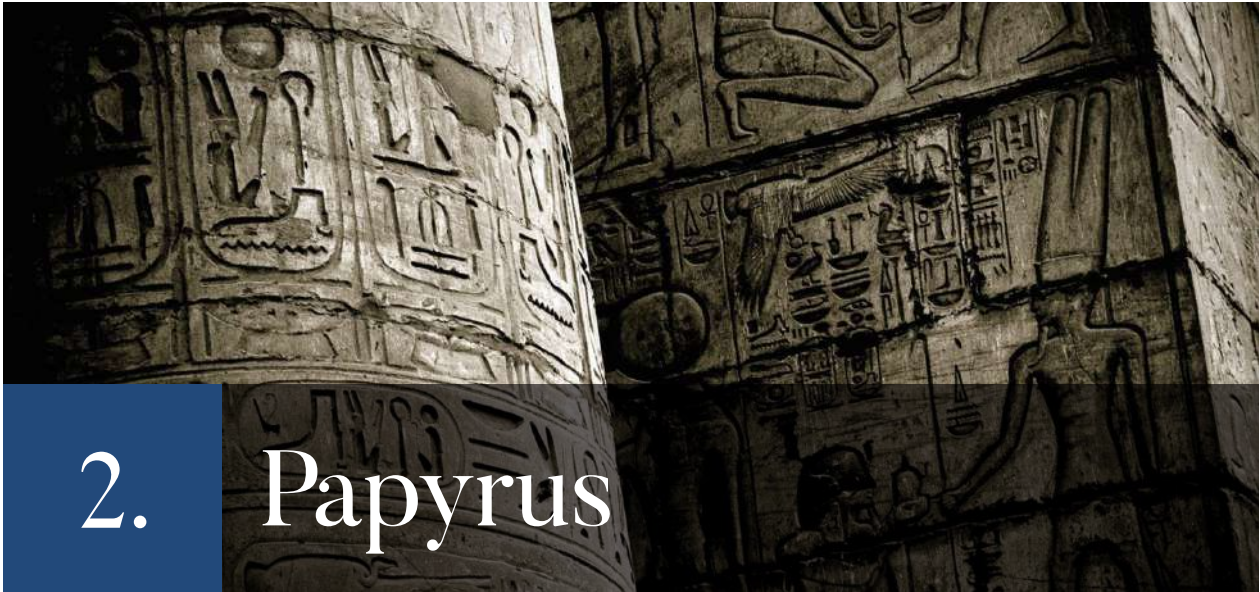
Aprende-se então que a obra é maior do que o obreiro e que o sentido não se possui. Serve-se.

A tradição renasce sempre que isso acontece.

O grau não encerra o caminho. Abre-o. De forma exigente e por vezes desconfortável. Coloca o homem diante de uma evidência simples e difícil de aceitar. A origem não está apenas atrás, como memória. Está diante, como tarefa quotidiana.

No silêncio aprende-se isto. A verdadeira luz não elimina a noite. Ensina a atravessá-la com dignidade.

CAP



2. Papyrus

A Mestria maçónica no século XXI

Ser Mestre maçom no século XXI é um ato de resistência ontológica. Num tempo em que a pele humana se funde com o silício e a consciência se dispersa numa “nuvem” de dados, o conceito secular de mestria corre o risco de ser confundido com mera proficiência técnica, exigindo-se ao Mestre um esforço acrescido de lucidez e determinação para manter de pé as estruturas do templo onde oficia com os seus irmãos e o Mundo.

Como sabemos, a verdadeira mestria maçónica não se refere ao domínio sobre o outro, nem à acumulação de informação, mas sim ao governo de si mesmo e à síntese sagrada entre o saber e o viver.

Vivemos num ecossistema cada vez mais **cyborg**, onde a inteligência artificial oferece respostas instantâneas para quase tudo, mas é (por enquanto) incapaz de formular perguntas existenciais e criar um sentido transcendente para a vida humana.

Nesta sociedade que adora a disponibilidade imediata, que valoriza o *plug and play*, a verdadeira sabedoria – que exige tempo, silêncio e maturação – é vista como

um luxo ineficiente ou um anacronismo.

Como afirmou **Platão**, “a primeira e melhor vitória é conquistar-se a si mesmo” e esta premissa é o coração da mestria: ser Mestre não é ser “chefe” de ninguém, mas sim ser o arquiteto da sua própria vontade, impedindo que os algoritmos ou as paixões mundanas ditem o traço do seu compasso.

O cenário social atual é, todavia, paradoxal. Enquanto glorificamos a conectividade, assistimos a uma gritante desumanização. As empresas descartam a experiência dos 50 anos em favor da plasticidade (e do custo) dos 23, tratando o conhecimento como algo que “expira”.

Paralelamente, os nossos anciãos, detentores da síntese da experiência, são empurrados para uma reinfantilização institucionalizada, separados da linhagem familiar que deveriam guiar. Se a sociedade ignora a “pedra polida” dos seus velhos, que sentido faz insistir em burilar a nossa própria pedra bruta todos os dias?

O sentido último e fundamental da mestria pode ser procurado precisamente na



circunstância de o mundo estar em fluxo acelerado e fragmentação e neste quadro ser vital a existência de **pontos de fixidez moral**.

Como ensinou **Sêneca**, *“não é porque as coisas são difíceis que não ousamos; é porque não ousamos que elas são difíceis”* e o Mestre Maçon do século XXI é aquele que ousa manter a verticalidade do fio de prumo num terreno que cede.

O Mestre não burila a pedra para ser exposta numa vitrine de vaidades, mas para que se ajuste, com precisão, na construção de um Templo Ideal que é a própria Humanidade. Ser testemunho vivo de valores eternos num mundo “líquido” é um ato de coragem, porque afirma que a ética, a fraternidade e a honra não têm data de validade.

A finalidade da mestría hoje é o resgate da **profundidade espiritual**. Num tempo de “cyborgs”, o Mestre maçom é o guardião do que é irredutivelmente humano. Entende que a informação tem valor de uso, mas a sabedoria encarna-se e vive-se. Ao contrário do jovem de 23 anos que detém o “know-how”, o Mestre deve deter o “know-why” – o propósito que justifica a ação.

Apesar da convulsão que atravessa os modelos de governo contemporâneos, marca-

dos pelas ditaduras resistentes, populismo e volatilidade, o papel da Maçonaria revela-se mais estruturante do que nunca. Num ecossistema social quebrado, a Ordem oferece um modelo de **governança e fraternidade transversal**. Enquanto as democracias lutam para encontrar consenso, a Loja Maçônica continua a ser o espaço onde o contraditório se harmoniza em busca da Verdade.

Temos o dever do otimismo porque sabemos que a técnica nunca substituirá o sentido e o Mestre Maçon, ao agir como um elo entre o passado imemorial e o futuro tecnológico, serve de bússola para uma sociedade que procura o norte.

A Maçonaria não é um refúgio para o passado, mas um laboratório para o futuro, onde homens livres e de bons costumes aprendem que a verdadeira evolução não é a da máquina, mas a do espírito.

O verdadeiro Mestre maçom sabe que, no final de contas, como dizia **Kant**, *“o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim”* bastam para guiar a consciência na tarefa de reconstruir, pedra a pedra, uma ordem social cada vez mais justa, cada vez mais lúcida e, acima de tudo, sempre profundamente humana.

Sêneca .’.



3. Gnothi Seauton

A Mestria e o Mestre Maçom

A ascensão ao grau de Mestre Maçom representa um marco fundamental na jornada maçónica. Mais que um título, a **mestria** denota um estado de aprimoramento pessoal e de compromisso com os ideais da Ordem. Tornar-se Mestre Maçom não significa concluir os estudos, mas **alcançar um patamar de maturidade** a partir do qual o maçom continua o seu aperfeiçoamento moral e intelectual de forma ainda mais consciente. Nos tópicos a seguir, analisarei a Mestria sob dois diferentes aspetos – **filosófico e prático**.

Aspeto Filosófico:

Autoconhecimento, Elevação Moral e o Ideal Maçónico

No plano filosófico, a Mestria maçónica simboliza a **culminação de um processo de autodescoberta e elevação moral**. Desde os graus iniciais, a Maçonaria promove uma **jornada iniciática** que convida o iniciado a aprimorar o seu carácter e expandir sua compreensão do mundo. Essa trajetória é, essencialmen-

te, **uma jornada de autoconhecimento e aperfeiçoamento ético**, integrando razão, simbolismo e prática virtuosa. Ao atingir o grau de Mestre, o maçom é instado a reconhecer que a verdadeira mestria **consiste em tornar-se mestre de si mesmo**, disciplinando as suas paixões e cultivando as virtudes aprendidas nos graus anteriores. Em outras palavras, **ser Mestre Maçom significa ser mestre em si mesmo, trabalhando com inteligência e vontade no seu próprio aperfeiçoamento**, ciente de que mesmo depois de “Mestre” permanece, diante do Grande Mistério da vida, **um eterno aprendiz**.

Essa consciência traz **humildade e responsabilidade**. A elevação à Mestria não confere omnisciência, mas sim a obrigação de **continuar buscando a sabedoria** e vivenciar os ideais maçónicos de maneira exemplar. **A Sabedoria**, entendida como discernir e agir pelo bem, é vista como o ápice da senda maçónica e não um fim estático, mas fruto de uma vida de experiências e aprimoramento moral constante. O

novo Mestre aprende deve **“construir masmorras aos vícios e templos às virtudes”** dentro de si mesmo, mantendo-se fiel aos princípios da honestidade, justiça e fraternidade, mesmo diante das provações.

A lenda de Hiram Abiff, central no grau de Mestre, ensina simbolicamente **que para o homem justo e virtuoso a morte é menos terrível do que a mancha da falsidade e da desonra** – ou seja, a honra e a retidão moral são bens supremos a serem preservados a qualquer custo.

Ser Mestre, portanto, reflete **a realização do ideal maçônico** no sentido de que o indivíduo encarna os valores de **Liberdade, Igualdade e Fraternidade**. Ele alcança uma compreensão mais profunda do Simbolismo Maçônico percebendo a necessidade de unir **espiri-**

tualidade e razão na vida. Além disso, compreende que a mestria não é um privilégio para satisfação pessoal, mas um **chamamento ao serviço: a verdadeira mestria manifesta-se “na contínua busca pelo aperfeiçoamento interior, na superação das paixões e na dedicação ao serviço da humanidade”**.

O Mestre Maçom ideal é aquele que **se transformou num agente da sabedoria e da justiça** – alguém que, através do exemplo diário, busca iluminar a si e aos demais, contribuindo para a melhoria do mundo ao seu redor.

Aspetto Prático:

O Mestre Maçom na Loja e no Mundo Profano

Alcançar a condição de Mestre Maçom traz não apenas honra, mas também **responsabilidades práticas e éticas** tanto dentro da Loja quanto na sociedade. Espera-se do Mestre uma postura exemplar – ele deve ser **um modelo vivo dos valores maçônicos**, um **“homem livre e de bons costumes”** cuja conduta inspire outros irmãos e também os profanos (não maçons) ao seu redor. Podemos sintetizar o comportamento esperado do Mestre Maçom em alguns papéis fundamentais:

1. Conduta Ética e Exemplar:

O Mestre Maçom deve **praticar no dia a dia as virtudes que a Ordem preconiza**, servindo de referência moral. Sua coerência é essencial: ele precisa alinhar seus atos aos princípios aprendidos, **“em todos os momentos, em todas as circunstâncias, em todos os ambientes”**, dentro e fora da Loja. Não pode haver “duas posturas” – uma para dentro do templo e outra para fora. **Coerência e retidão** significam que o Mestre pauta sua vida pela honestidade, justiça, temperança, diligência e todas as virtudes cardeais ensinadas desde o Aprendiz. **Ele não julga os outros precipitadamente nem se coloca em pedes-**



tal: “Ser Mestre é não se considerar juiz dos defeitos e erros dos outros, mas saber compreender e perdoar”.

Ou seja, a humildade e a fraternidade devem temperar a sua sabedoria. Um Mestre Maçom **verdadeiro é persistente, dá o exemplo, está disponível e é coerente consigo próprio, com os seus Irmãos, com a sua Loja e com todos.** Essa disponibilidade implica prontidão em ajudar, aconselhar e aprender continuamente. **A sua vida privada e pública deve refletir a luz maçônica,** pois, como diz um ensinamento, o maçom pode instruir por palavras, mas o exemplo é o que arrasta multidões.

2. Líder e “Condutor de Trabalhos”:

Dentro da Loja, o Mestre Maçom tem o dever de **assumir papéis ativos na condução dos trabalhos.** Isso abrange desde ocupar cargos administrativos ou ritualísticos (como Vigilante, Orador, Secretário, ou mesmo ser eleito Venerável Mestre da Loja) até auxiliar na organização de eventos e instruções. Historicamente, apenas Mestres Maçons podem ser Venerável Mestre de uma Loja, ou seja, **presidir e dirigir os trabalhos ritualísticos e administrativos.** Mesmo antes de chegar a Venerável, porém, espera-se que **cada Mestre esteja apto a substituir os oficiais em caso de necessidade, liderar comissões e ser referência na execução dos rituais.** Costuma dizer-se que o grau de Mestre “poliu a pedra bruta” – ou seja, **o irmão alcançou maturidade suficiente para ajudar a dirigir a Loja. A responsabilidade de um Mestre Maçom é muito grande** nesse sentido: se os Aprendizes são como alunos e os Companheiros como oficiais de jornada, os Mestres são os “mestres de obras” que devem supervisionar e garantir a harmonia e correção dos trabalhos. Infelizmente, há casos de Mestres acomodados ou desinteressados, o que é veementemente criticado na tradição. Diversos artigos maçônicos ressaltam que **cabe aos Mestres Maçons transmitir aos Aprendizes e Companheiros os**

conhecimentos ritualísticos e as atitudes corretas, mantendo a ordem e o bom funcionamento da Loja.

Ser Mestre implica disposição em ensinar e liderar: o Mestre atua como uma espécie de mentor, orientando iniciados mais jovens em seus estudos, esclarecendo dúvidas sobre símbolos e rituais, e corrigindo eventuais desvios. Quando cada Mestre cumpre esse papel, a Loja prospera em entendimento e união; do contrário, gera-se um vazio de liderança e a erosão da aprendizagem das novas gerações. Portanto, **espera-se do Mestre Maçom iniciativa e comprometimento em conduzir os trabalhos maçônicos,** seja ocupando cargos ou informalmente, mas sempre com zelo pela reta observância do ritual e pelo progresso coletivo.

3. Orientador de Aprendizes e Companheiros:

Em complemento ao item anterior, um dos papéis mais nobres do Mestre Maçom é o de **orientador e conselheiro** dos irmãos de graus inferiores. A tradição afirma que **“aos Mestres Maçons cabem as maiores responsabilidades de passar aos Aprendizes e Companheiros a instrução”**, para que esses, no futuro, possam também transmitir tais conhecimentos aos próximos iniciados. Ou seja, há um ciclo educacional na Maçonaria que depende da dedicação dos Mestres em compartilhar seu saber e experiência. O Mestre Maçom deve estar acessível aos irmãos mais novos, guiando-os na interpretação dos símbolos, ajudando-os a preparar bons trabalhos de pesquisa (pranchas) e principalmente dando o suporte moral necessário. Muitas Lojas implementam programas de padrinhos ou tutores: um Mestre “adota” um Aprendiz ou Companheiro para acompanhá-lo em seu progresso. Ainda que informal, essa mentoria é extremamente valiosa. **Ser Mestre é saber aceitar um conselho e também dá-lo quando preciso** – há uma via de comunicação dupla entre



Mestres e iniciados. Na prática, o Mestre experiente pode esclarecer as dúvidas de um Aprendiz sobre o que é lido durante a sua instrução, ou treinar um Companheiro para realizar os sinais corretamente, ou ainda inspirar ambos

com histórias e exemplos da história da Ordem. O importante é que ele seja visto como **um irmão mais velho, paciente e incentivador, e não como um chefe autoritário. Isso também exige do Mestre qualificação**: é preciso manter-se estudioso e atualizado, para não errar. A falta de instrução de alguns Mestres, como apontado em críticas internas, pode levar à transmissão incorreta de ensinamentos aos novos irmãos. Logo, **ser Orientador implica primeiramente continuar sendo estudante** - o Mestre Maçom ideal frequenta as sessões de instrução, lendo literatura maçônica e debatendo temas, ciente de que sempre há mais a aprender e atualizar. Assim ele terá conteúdo e sabedoria para guiar outros.

4. Agente de Transformação Social:

A responsabilidade do Mestre Maçom não se esgota nas portas do templo. Pelo contrário, a Maçonaria espera que seus Mestres sejam **cidadãos exemplares e influentes para o bem na sociedade**. Isso não quer dizer ostentação ou proselitismo, mas sim atuação pelo exemplo e pelos princípios. Após lapidar a pedra bruta de si mesmo, ele deve ajudar a construir um mundo melhor - pedra a pedra, pessoa a pessoa. Em termos práticos, espera-se que o Mestre **cumpra seus deveres civis com excelência**, seja ético em sua profissão, honesto nos negócios, leal à sua pátria e ativo em iniciativas de benevolência. Muitos Mestres Maçons envolvem-se em projetos filantrópicos, campanhas de solidariedade ou em espalhar conhecimentos úteis na comunidade. Como bem coloca um autor, **“a missão do obreiro é lapidar a pedra bruta”** em si mesmo, mas também propiciar, **através de seu exemplo e prática dos princípios, a melhoria da sociedade em que está inserido**. Isso significa combater suas próprias imperfeições e ao mesmo tempo **influenciar outros para que também trilhem o caminho do bem**. A lendária tríade maçônica - **Liberdade, Igualdade, Fraternidade** - deve ser

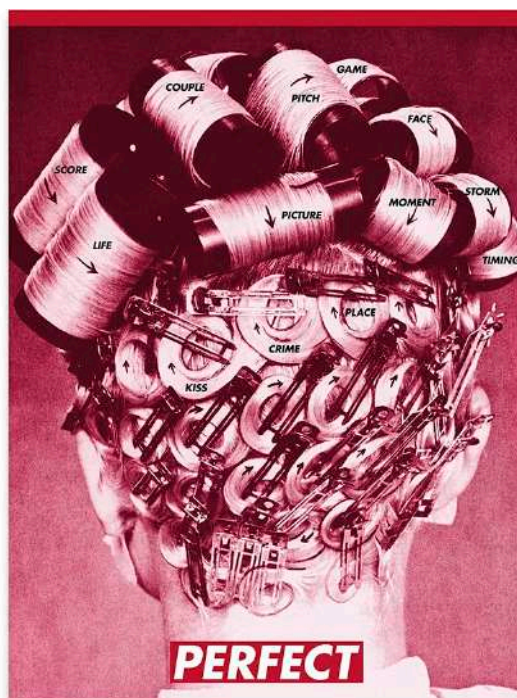
promovida pelo Mestre no convívio social. Ser Mestre é aceitar que não pertence somente a si mesmo, mas à coletividade, e, portanto, sua inteligência e vontade devem servir ao bem comum. Ele “acende luzes pelo caminho por onde passa – luzes de amizade e sabedoria, de bondade e justiça, de harmonia e compreensão, de solidariedade e fraternidade. Em suma, o Mestre Maçom deve ser um **exemplo de cidadão**. Não basta instruir-se e pregar virtudes dentro do templo: **fora dele, seu comportamento deve ser igualmente irrepreensível**, pois como ensinam os antigos maçons, “nenhuma voz de desespero deve chegar a seus ouvidos em vão, nenhuma mão estendida em pedido de ajuda deve ficar sem resposta.” O Mestre conhece o valor da caridade e da beneficência, agindo sem esperar aplausos ou reconhecimentos públicos. Ele trabalha pelo bem, mas por dever de consciência, sabendo que as **melhores recompensas são invisíveis e interiores** (como a satisfação de aliviar o sofrimento alheio). Assim, como agente de transformação, o Mestre Maçom procura deixar marcas positivas – seja auxiliando na educação, participando de obras sociais, defendendo a justiça e a verdade nos espaços em que atua, ou simplesmente influenciando positivamente a sua família, colegas de trabalho e comunidade pela força do seu carácter.

5. Humildade e Aprimoramento Contínuo:

Por fim, um aspecto prático crucial é que o Mestre Maçom **não deve cair na complacência ou arrogância** por ter alcançado o grau máximo da Loja Simbólica. Ao contrário, a verdadeira mestria implica reconhecer o quanto ainda há para crescer. *“Ser Mestre Maçom significa [...] ter sempre em mente que nada mais somos do que simples aprendizes do Grande Mistério, mesmo que nos denominemos Mestre.”* Essa frase recorda ao Mestre que a viagem do conhecimento é interminável. Portanto,

espera-se que ele **continue estudando, comparecendo às sessões, participando dos debates e buscando seu próprio aperfeiçoamento**. Muitos Mestres seguem para estudos filosóficos (como os Altos Graus) justamente movidos por essa sede de aprofundamento. Outros encontram na própria Loja simbólica campo infinito de aprendizado, dedicando-se a compreender melhor os símbolos e a filosofia maçônica. **De todo o modo, a postura deve ser de humildade intelectual: o Mestre não “sabe tudo”, mas tem experiência suficiente para saber o quanto não sabe**. Essa atitude humilde o torna acessível e respeitado. Infelizmente, como alertam alguns venerandos irmãos, existem Mestres que “acham que sabem e ensinam errado” ou se comportam de modo displicente nas reuniões. Tais atitudes contradizem o ideal de mestria. O Mestre Maçom genuíno é aquele que **“sabe aceitar um conselho, para ser ajudado”** quando necessário, que sabe trabalhar em equipe com seus pares e aprender também com irmãos de menor grau (pois até das perguntas dos Aprendizes pode vir uma nova luz). Em termos práticos, essa humildade traduz-se em **disciplina e dedicação**: manter seus estudos em dia, treinar cerimônias para não cometer gafes, chegar pontualmente às sessões, respeitar as autoridades da Loja e da Obediência, e manter um espírito fraterno com todos.

Em conclusão desta seção, pode-se dizer que **o Mestre Maçom é chamado a ser um verdadeiro cavaleiro da virtude e do conhecimento, liderando pelo exemplo**. Seu comportamento na Loja deve inspirar respeito sem autoritarismo, combinando firmeza de princípios com benevolência. No mundo profano, sua vida deve ser testemunho silencioso dos valores maçônicos – de modo que, mesmo sem revelar pertencer à Ordem, ele se destaque como **homem honrado, justo e caridoso**, um cidadão que promove a concórdia e o progresso moral. Assim, ele honra o título que carrega e dá sentido concreto à sua mestria.



Conclusão

Ser Mestre Maçom é muito mais do que ostentar um grau - é incorporar uma filosofia de vida, participar de uma tradição histórica e abraçar uma missão contínua de aperfeiçoamento próprio e de serviço. Sob o prisma **filosófico**, vimos que a mestria simboliza o ápice da busca interior maçônica: o Mestre alcança maior autoconhecimento e virtude, realizando em si mesmo o ideal da Ordem de *"tornar bons homens em homens melhores"*. No espectro **prático**, refletimos sobre as expectativas diárias depositadas no Mestre Maçom: ser exemplo ético, líder ativo nos trabalhos, mentor dedicado dos irmãos e cidadão comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Ao combinar todos esses aspetos, conclui-se que **a Mestria maçônica é uma conquista e ao mesmo tempo um ponto de partida**. Conquista, porque marca o êxito do maçom em dominar as lições básicas da Arte Real, provando-se digno de confiança e conhecimento. Ponto de partida, porque abre novos horizontes - seja nos Altos Graus, seja na atuação

responsável no mundo - onde o Mestre deverá continuar lapidando-se e ajudando a lapidar a humanidade. Hiram Abiff, ao morrer no cumprimento do dever e renascer no coração dos irmãos, deixou aos Mestres Maçons a eterna mensagem de que **a virtude supera a morte e de que cada maçom deve se esforçar para "erguer templos à virtude" em si mesmo e na sociedade**. Desse modo, "A Mestria e o Mestre Maçom" não se encerram no ato da elevação: são uma jornada perene de crescimento pessoal e contribuição coletiva. Cada Mestre é convidado, portanto, a honrar essa jornada - estudando, trabalhando e vivendo de tal forma que mereça, todos os dias, **ser chamado de Mestre**.

Disse,

Luís Duarte Freitas



Da Qualidade e das Virtudes

Da Qualidade:

... Sabes?

é preciso caminhar impedindo que a fera nos devore

Dante - Canto I

Quem sou e para onde vou, porque o meu tempo é esse que me coube viver, não é o que passou, é o que está para vir.

É um compromisso com o próprio que tem de ser interiorizado, é um trabalho incessante que obriga continuamente a uma reflexão interna profunda. O Trabalho diário é essencial, é esta a premissa do Mestre.

O seu valor é validado pelo reconhecimento dos seus congéneres. O verdadeiro mestre é aquele que não se sente como tal, mas é aquele que seguirá em tempos de tormentas.

Historicamente a palavra mestre perde-se no tempo. No nosso sentido é referido como o mestre da construção do Templo.

Ponto figurativo que após a iniciação comanda de forma subtil o resto da nossa vida consciente e inconsciente.

Não se incomoda por ser questionado, redobra-se de prazer com a sagacidade e curiosidade dos outros.

Empenha-se na luta dos valores e princípios. Tem talento, mas não tem de provar que o tem. Em resumo trata-se de um homem virtuoso.

Das Virtudes

Desde logo o seu génio deve basear-se nas quatro virtudes estoicas, cardeais, a saber: Justiça, Força ou Fortaleza, Temperança Prudência.

A justiça é a balança da bondade e do espírito são, não deve ser evocada por razões pessoais, mas de forma coletiva, como proteção de valores benignos. É a ética com que todos os gestos se devem realizar, o nível e a perpendicular, tratar todos com retidão e igualdade.

A Força, que advém da Fé e da Esperança,

é a capacidade que o mestre deve ter, a resiliência que lhe permite alcançar e prover [aos demais] e unir-se consigo próprio e desta forma realizar grandes atos, não pela sua dimensão mas pela sua grandeza.

A Temperança é o rasgo que lhe permite controlar as suas emoções e não se deixar capitular pela mundanidade. A Temperança é verdadeira companheira da meditação e do silêncio. *Ora et labora.*

A Prudência é a fórmula base de saber como utilizar o conhecimento e como o gerir de forma comedida e em compasso com a situação que se apresente. A moderação do uso do poder último que é a

palavra, é essencial.

E neste percurso nunca se deve desprender o seu espírito das virtudes teológicas; da Fé, da Esperança e da Caridade.

...no fundo, ser mestre maçom é um ato contínuo de retificação, que tem como pretensão alcançar a plenitude do ser humano, enquanto Humano, e trabalhar para o bem da Humanidade.

É o objetivo último de criar um mundo sem fronteiras e humanista. É sem dúvida esta a essência da Maçonaria inteira.

João Pedro Santos





Mestria - A metáfora da águia e da galinha

O que têm em comum, as sete letras da palavra “mestria”, a metáfora da águia e da galinha, os sete planetas da antiguidade, os sete dias da semana, os sete processos alquímicos e as sete leis universais do hermetismo?

À primeira vista, aparentemente, não têm nada em comum, mas à medida que aprofundarem os temas, irão perceber a conexão, o emaranhamento e entrelaçamento quântico entre todas, que é, na realidade, a busca incessante do ser humano, pela “Pedra Filosofal”, pela “Escada de Jacob” e pela unidade “Divina”.

Se não quiserem ter o trabalho de ler e raciocinar, o meu conselho é ignorarem ou saltarem este artigo, pois irá dar o que pensar e refletir sobre as vossas escolhas, boas ou más. Normalmente, não gostamos de ser confrontados com as nossas meias-verdades e nem com o nosso ego. Assim, a minha sugestão é que leiam apenas a frase abaixo, para ampliar a vossa visão.

“O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons.”

Martin Luther King

Se ainda não desistiu, irei narrar uma das muitas metáforas divertidas que utiliza a mestria. Esta palavra de origem do latim que significa magisteria (mestre) e refere-se à qualidade, habilidade, destreza e domínio de um ofício ou arte. Já a metáfora, trabalha as cinco ondas cerebrais, equalizando-as e facilitando o acesso ao nosso inconsciente, o que amplia a nossa visão do mundo, uma vez que cada um a entenderá de acordo com a sua capacidade e o seu domínio do conhecimento.

Agora vamos à parte divertida....

Conta-se que num bosque, um fazendeiro encontrou, um filhote de águia com uma asa partida. Como não tinha onde a pôr, colocou-a com as galinhas no galinheiro. O filhote de águia recuperou, mas cresceu como se fosse uma galinha. Por vezes, achava estranho ser tão diferente: não carejava e tinha um bico e garras grandes.

Certo dia, o fazendeiro recebeu a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, o naturalista disse-lhe que aquele pássaro não era uma galinha, mas sim uma águia. De fato, respondeu o fazendeiro, mas eu criei-a como galinha, por isso não passa de uma galinha. O naturalista, retorquiu, “ela” é, e será sempre uma águia. “Não”, insistiu o camponês, ela é uma galinha e nunca voará como uma águia. Então, decidiram fazer uma prova.

O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a, disse: Já que és uma águia, já que pertences ao céu e não à terra, então abre as tuas asas e voa! A águia ficou parada no braço estendido do naturalista e olhando distraidamente à sua volta. Viu as galinhas lá em baixo a ciscarem os grãos e saltou para junto delas. O camponês comentou: eu já lhe tinha dito que ela não passava de uma simples galinha.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia ao telhado da casa do fazendeiro. Sussurrou-lhe: Já que és uma águia, tens o coração de águia, abre as tuas asas e voa! No entanto, quando a águia viu as galinhas a revirar a terra no chão lá em baixo, saltou e foi ter com elas.

O camponês sorriu e insistiu: Eu tinha-lhe dito, ela é uma galinha! “Não”, respondeu o naturalista com firmeza, ela é uma águia e tem um coração de águia. Vou tentar uma última vez, amanhã farei com que voe.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram-se cedo, pegaram na águia e levaram-na para alto de uma montanha. O naturalista ergueu-a para o alto e ordenou-lhe: águia, já que és uma águia, tens um coração de águia e pertences ao céu, abre as tuas asas e voa! A águia tremia, como se experimentasse uma nova vida, mas não voou. Então, o naturalista segurou-a firmemente e apontou os seus olhos na direção do sol, para que estes se enchessem de clareza e alcançassem a vastidão do hori-

zonte. Foi então que a águia abriu as suas potentes asas e começou a voar, a voando cada vez mais alto, para nunca mais regressar.

Agora a porca torce o rabo...

“Há quem passe por um bosque e só veja lenha para a sua fogueira”

Leon Tolstói

Gostaria de salientar que a palavra “mestria” tem sete letras e pode ser relacionada com o número sete, que simbolicamente é recorrente nas tradições espirituais, filosóficas e esotéricas. O número sete, representa a totalidade dinâmica, a harmonia entre o sutil e a materialidade, o fecho de ciclos, a integração, a ordem divina e a iniciação.

Pode relacionar-se com os sete planetas da Antiguidade Clássica, que eram vistos como forças que governavam os ciclos da vida, sendo que cada dia da semana, está relacionado com um planeta. O ciclo semanal, é uma miniatura do cosmos, um reflexo das sete esferas planetárias e das respectivas energias. O ser humano, percorre simbolicamente as sete influências cósmicas, num ciclo de aperfeiçoamento e regeneração.

A ideia de relacionar os sete processos de transmutação alquímica dos metais, com a incessante procura de transformar o chumbo em ouro, reflete a procura constante do ser humano para alcançar a unidade, o todo:

1. **CALCINAÇÃO:** destruição do ego, queima das impurezas.
2. **DISSOLUÇÃO:** dissolução do velho eu, contato com o inconsciente.
3. **SEPARAÇÃO:** discernimento, separação do que é puro, daquilo que é impuro.
4. **CONJUNÇÃO:** união dos opostos, integração.

5. FERMENTAÇÃO: inspiração espiritual, início de uma nova vida.

6. DESTILAÇÃO: elevação e purificação do espírito.

7. COAGULAÇÃO: cristalização do novo ser, a pedra filosofal.

Pode também relacionar-se com as sete leis do hermetismo, inspiradas em Hermes Trismegisto que descrevem leis universais.

1. Princípio do mentalismo:

“O todo é mente e o universo é mental”

2. Princípio da correspondência:

“O que está em cima é como o que está em baixo e o que está em baixo é como o que está em cima.”

3. Princípio da vibração:

“Nada está parado, tudo se move, tudo vibra.”

4. Princípio da polaridade:

“Tudo é dual, tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa. Os opostos são idênticos em natureza, mas diferem em graus. Os extremos tocam-se, todas as verdades são meias-verdades, todos os paradoxos podem ser reconciliados.”

5. Princípio do ritmo:

“Tudo tem fluxo e refluxo, tudo tem as suas marés. Tudo sobe e desce, tudo se manifesta por meio de oscilações compensadas. A medida do movimento para a direita é a medida do movimento para a esquerda, o ritmo é a compensação.”

6. Princípio de causa e efeito:

“Toda a causa tem o seu efeito, todo o efeito tem a sua causa. Tudo acontece de acordo com a lei, o acaso é apenas um nome dado a uma lei não reconhecida. Há muitos planos de causalidade, porém,

nada escapa à lei.”

7. Princípio do gênero:

“O gênero está em tudo, tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino. O gênero manifesta-se em todos os planos.”

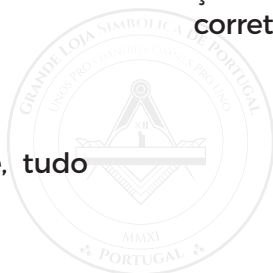
Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Se chegou até aqui, parabéns pela sua determinação.

Sair da sua zona de conforto não é nada fácil para o seu ego e a sua personalidade e é mais cómodo permanecer na ignorância. Não é fácil sair da zona de conforto e aventurar-se no desconhecido, pois esta ação impõe o questionar das nossas crenças e valores adquiridos que julgamos ser corretos.

“Nada será como dantes no quartel de Abrantes...”

Wellington Nader



A mestria consiste em ter a capacidade de ver para além da visão limitada humana, conjugando todos os conhecimentos adquiridos ao longo da vida e colocando-os em prática com sabedoria no seu dia a dia, respeitando todos os princípios que foram anteriormente mencionados.



A metáfora, para além de divertida, retrata uma dura realidade atual, há muitas águias criadas como galinhas, aprisionadas e ofuscadas das suas capacidades e valores, condicionadas pelo poder e ganância de quem controla e de quem não quer perder o seu domínio. Como consequência, as águias-alfas posicionam certas águias-rebeldes num galinheiro, como na história contada.

Por outro lado, há muitas galinhas criadas e incentivadas a agir como águias, mas que, na realidade, são galinhas condicionadas por um comando de Águias-alfas, que as dominam e as direcionam de acordo com os seus interesses. O mais estranho é que estas galinhas-águias, fazem de tudo para manter a posição adquirida, passando por cima de todos os valores para se manterem ao lado das águias-alfas. Apesar de serem manipuladas, têm um benefício colateral que é permanecer entre as maiores.

A este propósito podemos recordar as palavras de Platão sobre a escravidão inconsciente: **“Quando uma pessoa é escrava e não sabe, ela defende as suas ideias e agride aqueles que tentam libertá-la.”**

“Aos olhos de um jardineiro, o mundo é um jardim. Aos olhos de um soldado, o mundo é um campo de batalha.”

Ditado Indiano.

Tal como no mito da caverna de Platão, existem forças e mistérios dentro de nós que suscitam um questionamento semelhante na metáfora da águia e da galinha. O naturalista sempre acreditou no potencial da águia, mesmo tendo sido criada como galinha. Este processo pode ser dividido em quatro fases. A primeira fase, é a ilusão, em que se é condicionado pelo meio onde se vive (galinheiro). A segunda fase, é a crença, acredita e vive no conforto limitado e condicionado que lhe é fornecido (a comodidade). A terceira fase, é a da razão, em que se sente um chamamento interno e procura um propósito e um sen-



tido para a vida (a luz do sol). A quarta fase, é a da filosofia, em que se liberta das amarras, ou seja, em que a luz entra novamente nos seus olhos, alcançando a mestria (abertura das asas).

Na realidade, todos estes processos referidos atuam simultaneamente e ocupam os mesmos espaços, o que muda é o foco da consciência. Deus é o AIN, o nada. É o não manifesto, a existência negativa, simplesmente é. Na criação, o não manifesto torna-se manifesto, o ANI.

O mais importante, é reter que o conhecimento é fundamental e que a realidade nem sempre é aquilo que se apresenta aos nossos olhos. A ideia de que a verdade pode ser alcançada através de uma jornada de ascensão e purificação é semelhante à contemplação da luz do sol pela águia, que se liberta da ilusão de ser galinha ao enfrentar a sua própria sombra. A escolha é sempre sua, libertar-se ou continuar sendo uma galinha...

“Ninguém toma banho duas vezes no mesmo rio, até porque ao voltar ao rio, a pessoa não é a mesma, como será outra, a água em que se banha”

Heráclito

Wellington Nader



4. A palavra circula

O Avental de Mestre e as suas alegorias

A simbologia das ordens iniciáticas, sejam elas secretas ou meramente discretas, como é o caso da Maçonaria, é de extrema importância para o entendimento da sua senda e para o Neófito que entra neste caminho da luz e da sabedoria, nesta grande escola iniciática de mistérios.

Trata-se de uma alegoria tão rica em beleza, significados e conhecimento, que se tornam indispensáveis àquele que procura o aprimoramento e evolução espiritual no âmbito da Arte Real.

O seu processo de aprendizagem na prossecução da Gnose é digno somente daquele que entende integralmente o significado da simbologia, apenas por si e para o seu interior, não podendo ser partilhada para lá dos seus irmãos, pois tal simbologia, trata não somente da própria alegoria, como também dos grandes e fortes significados espirituais.

Como refere Fernando Pessoa na sua obra Hermetismo e Iniciação “O entendimento dos símbolos e dos rituais simbólicos exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem os

quais os símbolos serão para eles mortos, e ele um morto para os símbolos”.

Estas cinco condições ou qualidades no entendimento da linguagem simbólica são: Simpatia, Intuição, Inteligência, Compreensão, Graça ou Revelação.

Deste modo, após a exaltação, na obtenção do grau do Mestrado e no consequente despertar do Mestre dentro de nós, o Avental apresentará de forma mais definida, a representação do ternário manifestado em corpo, alma e espírito. Somente neste grau é que o avental surgirá de forma mais definida na transformação do espírito/matéria.

Verificamos agora o triângulo espiritual sobreposto ao quadrado da matéria é interpretado como sendo a alma a sobrepor-se ao corpo físico. Somando o ternário com o quaternário, obtemos o número sete, o número perfeito, o número do mestre maçom. Neste sentido, o número três possui grandes representações simbólicas na nossa respeitável loja, evidenciando as três joias, o esquadro, o compasso e o livro de lei, assim como, as

três luzes, o VM, o 1V e o 2V. Já o número quatro, tem a sua presença marcante em loja ao representar os quatro pontos cardeais nos quais a loja se orienta e os quatro elementos exaltados nas nossas cerimónias.

No que concerne à representação simbólica do nosso avental da Mestria, verificamos aqui a génese para desvendar o segredo do III grau, para onde vou??

A simbologia que ressalta mais à curiosidade do recém exaltado, além da representatividade da Morte Simbólica, vivida na cerimónia de exaltação é a presença do Ourobórus, do Delta e dos raios de Luz. O Ourobórus trata-se de um símbolo místico que representa o conceito de eternidade, através da figura de uma serpente que morde a sua própria cau-

da. Segundo alguns autores da corrente esotérica, o primeiro registo conhecido do Ourobórus está presente num texto funerário do Antigo Egito, encontrado no tumulo de Tutancamón. Para os egípcios, este símbolo era a representação da união de Rá (Deus do Sol) e Osíris (Deus da vida, da morte e da ressurreição) significando o conceito do começo e do fim de uma era.

Este símbolo é associado à ideia de eternidade e do ciclo da vida, morte e renascimento. Na Maçonaria o Ourobórus é visto como um reflexo de uma busca contínua pelo conhecimento e pela sabedoria.

Já o delta Luminoso ou triângulo equilátero, representa deste modo, o símbolo das tríades divinas, Fé, Esperança e Caridade, Sabedoria, Força e Beleza e Liberdade, Igualdade e Fraternidade. O Delta além desta representação, tem no seu eixo central a presença do GADU omnipresente e onnipotente. É também, associado ao olho omnividente, ao olho de Hórus, aquele que tudo vê, que tudo conhece e que tudo sabe. O Delta simboliza a sabedoria divina, e trata-se do símbolo máximo presente no nosso templo. Por último, os raios de luz em torno do delta que manifestam a força expansiva do nosso ser, que partindo de um ponto central se estendem e preenchem o espaço infinito, como alegoria ao conhecimento, ao esclarecimento mental e intelectual.

De forma conclusiva, infere-se deste texto que não apenas os mestres podem ensinar. O Aprendiz e o companheiro, ao apresentarem os resultados das suas pesquisas, tornam-se também eles mestres e os mestres devem, humildemente, como aprendizes, analisar a lição ministrada e com ela agregar fundamentos ao seu conhecimento, pois só atinge o grau de Mestre aquele que tem discípulos; ora seremos mestres, ora seremos contínuos aprendizes.

Disse

Eça de Queiroz.º





O Mestre Maçom, a virtude e a sua representatividade na nossa Augusta Ordem

“Os homens chamaram Eros ao amor, porque tem asas;

Os Deuses chamaram Pteros, porque tem a virtude de as dar”.

Platão, in Banquete

O Grau de Mestre distingue-se no plano intelectual e espiritual dos graus precedentes, uma distinção que se foi construindo no decorrer dos graus de aprendiz e companheiro.

No decurso da cerimónia de exaltação, fomos criminosos suspeitos pelos restantes irmãos, fomos mortos como o sábio e justo Hiram Abiff, fomos deitados no túmulo e tumbados sobre o seu próprio cadáver. De seguida, levantados pela horizontal da morte para a verticalidade do renascimento. Fomos devolvidos à vida por uma palavra e vislumbramos novamente a luz. Conse-

quentemente aceites no grau de mestre, porém, seremos verdadeiramente Mestres? Merecedores de ser denominados de Gabaons?

A Maçonaria, tal como na Filosofia, descrita por Platão na sua obra *Fédon*, preconiza que a sua função seja elevar pouco a pouco a criatura humana à verdade, à virtude e à paz, através dos seus fundamentos, liberdade, igualdade e fraternidade, ensinando o indivíduo a libertar-se. O Filósofo, tal como, o Mestre Maçom, opera em si a morte no triunfo da liberdade sobre os sentidos e é precisamente quando ele morre assim, que está na posse da própria vida; e o fenómeno da morte, longe de ser um obstáculo, é um passo para a independência e a imortalidade.

No grau de Mestre o renascimento ou ressurgir, que anuncia a imortalidade, é simbolizado pela construção do Templo de Salomão em cujo edifício habita o ser e no qual o Mestre deve entrar.

Contudo, só dando continuidade à construção do nosso templo interior, com a geometria perfeitamente divina, o nosso ser espiritual poderá nele habitar. Para tal, devemos dar passagem através do simbolismo à verdade e à virtude.

James Anderson refere “...que um maçom é obrigado, por dever de ofício, a obedecer à lei moral, e se ele compreender corretamente a arte, nunca será um estúpido ateu nem um libertino irreligioso. Muito embora em tempos antigos, os maçons fossem obrigados em cada país a adotar a religião da sua nação, hoje pensa-se mais acertadamente obrigá-los a adotar aquela religião com a qual todos os homens concordem, guardando as suas opiniões para si próprios, isto é, serem homens bons e leais, e homens de honra e honestidade. Por isso, a Maçonaria torna-se o centro da união e um meio de conciliar uma verdadeira amizade entre pessoas que de outra forma permaneceriam em perpétua distancia”

A virtude para o mestre maçom representa a disposição inabalável para a prática constante do bem.

O conceito de virtude deriva do latim *Virtus* que significa força viril, definindo o poder de algo para produzir determinados efeitos. Para Aristóteles, o

termo deriva da palavra grega *Areté*, que representa a Excelência, excelência no plano do carácter, que por sua vez, é atingida por meio do cultivo da virtude.

No paradigma filosófico de Platão, assim como, na corrente do Estoicismo, a virtude é descrita através de um conjunto de características que contribuem para aportar a um determinado indivíduo sabedoria, coragem, temperança e justiça, as chamadas virtudes cardeais. Por outro lado, Aristóteles através da *Areté*, define a virtude como aquilo que completa de forma satisfatória a natureza de um ser. Por sua vez, E. Kant defende que a virtude não é aquilo que descreve a nossa felicidade, mas aquilo que nos torna dignos de ser felizes.

Numa predisposição mais Teológica, Tomas de Aquino, classifica as virtudes como hábitos, tal como o Sociólogo Francês Pierre Bourdieu, no seu paradigma do *Habitus*, onde ambas teorias designam, uma capacidade da natureza humana culminada na vontade de agir, predisposições do indivíduo para intervir no seu meio ou na sociedade, subdividindo-as em morais e intelectuais de acordo com o objeto.

Segundo o Teólogo, são acrescentados ao homem e por uma superioridade divina alguns princípios sobrenaturais, que representam o conjunto do que se deve crer, o objeto da Fé.

Por outro lado, a vontade ordena-se por um movimento de interação que parte para esse propósito, como algo possível de almejar. A isto chama-se Esperança, seja por uma ligação moral e/ou espiritual e pelo que a vontade é transformada nesse fim, o que se define, segundo o autor como Caridade.

O pensamento de Tomás de Aquino em similitude à ordem maçónica, remete-nos para a importância que o Mestre Maçom deve assimilar todo e qualquer ensinamento que compõem os graus da maçonaria simbólica e que formam um



todo indivisível, representados também nos três lados do triângulo, a Sabedoria, a Força e a Beleza.

Destarte, à semelhança do pensamento de Aquino, o septenário das virtudes morais que nos foram revelados descrevem a premissa de obedecer à **Fé** na nossa Augusta Ordem e nos seus ideais, à **Esperança** de que aconteça o que acontecer, estes serão um dia realizados na sua totalidade e à **Caridade**, ou seja, o amor incontestável dos nossos irmãos uns pelos outros, que se traduz no melhor cimento que liga todas as pedras do nosso templo.

Retomando Aristóteles, a Maçonaria Especulativa assenta pilares, em grande medida, na Ética Aristotélica, que sustenta que a felicidade é um processo de procura permanente da virtude, evidenciando o desenvolvimento das faculdades naturais, respeitando constantemente a lei do meio termo e do equilíbrio: *Virtus in medio*. Tal como no grau do mestrado, o mestre é inserido na Câmara do Meio, local secreto e protegido, representando o centro ou o meio do corpo humano, onde se situa o coração que simbolicamente é a parte das emoções humanas.

Numa perspetiva esotérica, o Mestre Maçom, à semelhança da virtude Aristotélica, assim como, a Câmara do Meio, estará sempre no meio do esquadro e do compasso, entre o céu e a terra.

Para o mestre é fundamentalmente esclarecedor perceber que a instituição maçónica é primordialmente ética, onde os cânones filosóficos sobre os princípios morais, as regras e os valores que norteiam a conduta do indivíduo, visam a criação de um conjunto de virtudes e princípios moralmente distintos. Conduzindo assim, o mestre maçom para um comportamento ético para com os seus Irmãos e a sociedade, impondo-lhe regularidade no que concerne a um percurso compatível com um homem que pratique o bem de forma genuína e desinteressada.

O Mestre deverá assumir que a exaltação do grau é um culminar da permanente procura da Gnose, da fraternidade, da justiça e da liberdade e não um objetivo alternativo como símbolo de vaidade. Para o Mestre Maçom a fraternidade será sempre a centelha de todas as virtudes e o seu principal manifesto para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e perfeita.

Mestres exaltados: preservemos tudo aquilo que nos foi anunciado a fim de continuarmos na descoberta da verdade. Iluminemos a razão, mas sobretudo os nossos corações. Conduzamos as nossas paixões para o bem comum. Que possamos venerar a virtude, amar os nossos irmãos e socorrê-los quando necessário. É acima de tudo pela prática das virtudes maçónicas que incrementamos o conhecimento, a harmonia e a sustentabilidade da nossa egrégora.

De forma conclusiva, resta relembrar as sete virtudes do III Grau, da Verdadeira Maestria: *Lealdade, Coragem, Paciência, Tolerância, Prudência, Silêncio e Amor*.

Se os Mestres Maçons são venerados e diferenciados em relação aos outros homens, será pelo objetivo permanente de praticar o bem, conduzir os restantes irmãos na procura da verdade e de erguer altares às virtudes. Que tenhamos força, fé e sabedoria, para inverter os valores e princípios presentes na sociedade profana, antagónicos aos praticados no seio da nossa Augusta Ordem.

“Quem é bom é livre, ainda que seja escravo, quem é mau é escravo, ainda que seja livre”

Santo Agostinho

Disse,

Eça de Queiroz.



5. Ágape

O Mitraísmo: Origens, essência, influência em Alexandria e relação com a Grande Ordem Egípcia da Maçonaria

1. As origens do mitraísmo

O culto de Mitra tem raízes muito antigas, remontando à civilização indo-iriana, onde o deus Mitra era adorado como símbolo da luz, da verdade e da aliança sagrada.

Nos textos persas do Avesta, Mitra é o guardião dos juramentos e da ordem cósmica – o mediador entre os deuses e os homens.

Mitra é o deus do sol entre os persas e os vedas. É o génio da luz celestial que aparece antes do sol nascer, nos picos das montanhas.

Mitra é um deus soberano, funcional, complementar, cósmico entre os indo-europeus. É a paz solar. Sempre luminoso é o guardião da lealdade e da amizade sincera.

Celebra-se o respetivo nascimento a 25 de Dezembro, data do solstício de Inverno, no calendário juliano, marcando o regresso da luz.

O ritual de iniciação consiste no sacrifício de um touro e faz-se por sete graus: o corvo, o grifo (ave com bico e asas de águia e corpo de leão), o soldado, o leão, o persa, o correio do sol e o pai.

Com o passar dos séculos, o contacto entre as culturas persa, helénica e romana fez surgir um novo sistema de crenças: o mitraísmo romano.

Este desenvolveu-se entre os séculos I e IV d.C., assumindo a forma de uma religião de mistério, reservada apenas a iniciados, e difundiu-se amplamente entre os soldados do Império Romano, comerciantes e altos funcionários.

Assim, o mitraísmo tornou-se uma ponte

entre o Oriente e o Ocidente, combinando o simbolismo persa da luz com o gosto romano pela disciplina e o pensamento filosófico grego.

O mito penetra em Roma cerca de 70 anos A. C., tendo grande difusão, sobretudo entre os soldados, por ser o deus da luta, desde os finais do século I da nossa era, até ao século IV, coexistindo com o cristianismo que, depois de conquistar o poder, leva à destruição dos templos do mitraísmo.

Antes disso, o Imperador Aureliano, no ano de 274 da nossa era vulgar, declara o dia de Mitra como o maior feriado de Roma, o dia do Sol invictus, de que o Imperador é mera emanção.

Os cristãos romanos fazem, entretanto, coincidir as festas do nascimento de Cristo, com o dia do nascimento de Mitra, também nascido numa gruta, de uma virgem, sendo normalmente representado com um globo na mão, rodeado por quatro elementos, quatro ventos e quatro estações.

As missas passaram a ser celebradas ao



domingo, o dia do Sol, tal como o ícone principal do Mitraísmo, a chave, foi adotado pelos Papas cristãos.

2. A essência do culto de Mitra

O mitraísmo era uma religião essencialmente iniciática. Os seus rituais eram secretos e praticados em pequenos templos subterrâneos, os mithraea, concebidos para evocar a gruta cósmica – símbolo do universo e do interior do ser humano.

No centro desses templos encontrava-se a imagem de Mitra matando o touro sagrado: tauroctonia.

Segundo o mito, o sacrifício do touro gerou toda a vida na Terra: das suas gotas de sangue nasceram as plantas, os animais e o ciclo das estações. Este ato representa a renovação da criação, a vitória da luz sobre as trevas e a transformação espiritual através do sacrifício e da entrega.

Os iniciados passavam por sete graus de progressão espiritual, cada um associado a um planeta e a um nível de consciência.

Esses graus – Corax, Nymphus, Miles, Leo, Perses, Heliodromus e Pater – formavam uma escada simbólica de ascensão, desde o mundo material até à união com a luz solar divina.

Os ritos incluíam banquetes, provas de coragem e de pureza, e juramentos de fraternidade. O culto de Mitra era uma escola moral e espiritual, onde se valorizava a disciplina, a lealdade, o dever e o autodomínio.

3. O mitraísmo no mundo helenístico

O sucesso do mitraísmo deveu-se em parte ao contexto helenístico, caracterizado por um intenso intercâmbio entre culturas e tradições religiosas.

Depois das conquistas de Alexandre, o Grande, o mundo mediterrânico tornou-se um espaço de sincretismo, onde

ideias gregas, egípcias, persas e romanas se misturavam.

Foi nesse ambiente que o mitraísmo encontrou novas interpretações filosóficas e simbólicas.

Em vez de apenas um deus solar, Mitra passou a ser visto como uma força cósmica intermediária – o Logos que liga o mundo divino ao mundo humano, o princípio de equilíbrio entre a matéria e o espírito.

E é precisamente em Alexandria, cidade de sabedoria e de fusão cultural, que esta visão ganha nova profundidade.

4. A influência do mitraísmo em Alexandria

Alexandria, a grande metrópole intelectual do Egito helenístico, foi o local onde se cruzaram a filosofia grega, os mistérios orientais e as tradições egípcias.

Ali floresceram escolas filosóficas como o neoplatonismo, o hermetismo e o gnosticismo – todas interessadas na relação entre o homem, o cosmos e a divindade.

Neste contexto, o culto de Mitra não foi apenas uma religião, mas uma linguagem simbólica que expressava verdades espirituais universais.

O próprio Porfírio, discípulo de Plotino, escreveu o tratado *A Caverna de Mitra*, onde interpreta o mito mitraico como uma alegoria da alma humana que desce ao mundo material e, pela iniciação, regressa à luz do Espírito.

Em Alexandria, portanto, o mitraísmo convergiu com o hermetismo egípcio e com a filosofia neoplatônica.

A figura de Mitra tornou-se o símbolo do intelecto divino, da consciência solar, do mediador entre o invisível e o visível – uma noção que influenciaria profundamente a espiritualidade esotérica do mundo ocidental.

5. O declínio e a herança espiritual do mitraísmo

Com a ascensão do cristianismo e a conversão do imperador Constantino, o mitraísmo começou a declinar.

Os seus templos foram destruídos ou convertidos, e o culto foi gradualmente esquecido.

Contudo, a herança simbólica e espiritual do mitraísmo não desapareceu.

As suas ideias – a iniciação em graus, o caminho da luz, o banquete sagrado e a fraternidade entre os iniciados – sobreviveram sob outras formas, especialmente nas tradições herméticas, gnósticas e neoplatônicas.

Esses ensinamentos, transmitidos através dos séculos por escolas de mistério, alquimistas e ordens esotéricas, chegaram à Idade Moderna como vestígios de uma sabedoria iniciática universal.

6. Do mitraísmo à Grande Ordem Egípcia da Maçonaria

Chegamos, assim, à relação final que nos interessa especialmente: a conexão entre o mitraísmo e a Grande Ordem Egípcia da Maçonaria.

A Grande Ordem Egípcia, herdeira dos ritos de Memphis e Mísraim, surgiu nos séculos XVIII e XIX com o propósito de restaurar a tradição espiritual egípcia e hermética que, segundo os seus fundadores, vinha desde os templos de Ísis, Osíris, e também dos mistérios de Mitra.

Homens como Giuseppe Balsamo (Cagliostro), Raimondo di Sangro e Jean-Étienne Marconis de Nègre contribuíram para formar uma estrutura iniciática inspirada nos antigos mistérios orientais e alexandrinos.

Tal como no mitraísmo, a Grande Ordem Egípcia organiza-se em graus progressivos de iniciação, cada um simbolizando



A Grande Ordem Egípcia vê-se como guardiã de uma tradição perene, que teria passado, ao longo dos séculos, pelos templos de Tebas e Heliópolis, pelos colégios herméticos de Alexandria, pelos cultos de Ísis e Mitra, e, finalmente, pelas ordens maçónicas do Ocidente moderno.

É menos uma linha histórica literal, e mais uma continuidade simbólica, uma mesma linguagem espiritual adaptada a diferentes épocas.

Assim, podemos dizer que a Grande Ordem Egípcia da Maçonaria representa, em certo sentido, a herdeira filosófica do espírito mitraico: ambos são caminhos de iluminação, onde o iniciado, através de provas simbólicas, aprende a vencer as trevas da ignorância e a renascer na luz da sabedoria.

O Mitra que sacrifica o touro – símbolo dos instintos materiais – é, afinal, a imagem arquetípica do maçom que lapida a pedra bruta, isto é, que domina a sua natureza inferior para revelar a essência luminosa do ser.

um nível de conhecimento e de iluminação interior.

O iniciado é convidado a percorrer um caminho espiritual que recorda as sete etapas mitraicas, ascendendo da obscuridade da matéria à plena luz da sabedoria.

Há paralelismos importantes a assinalar:

- Ambos os sistemas usam símbolos solares – o Sol como emblema da verdade e da consciência.
- Ambos defendem a fraternidade universal como expressão da ordem cósmica.
- Ambos valorizam o silêncio, o segredo e o rito como meios de transmissão do sagrado.
- E, acima de tudo, ambos afirmam que a iniciação é um processo de regeneração interior, de morte simbólica e renascimento para a luz.

7. Conclusão

Em conclusão, o mitraísmo foi mais do que um culto do passado: foi um sistema espiritual e iniciático que uniu a sabedoria do Oriente e do Ocidente, e que em Alexandria encontrou o seu ponto de fusão com a filosofia e o hermetismo egípcios.

A sua influência atravessou os séculos, ressurgindo em novas formas de espiritualidade esotérica, entre as quais se destaca a Grande Ordem Egípcia da Maçonaria, que perpetua o ideal da luz, da fraternidade e da iniciação interior.

Ao estudarmos o mitraísmo, não estudamos apenas uma religião extinta – estudamos a origem simbólica de uma tradição universal: a de que o ser humano pode transformar-se, ascender e tornar-se portador da luz.

Daniel Boone.

EQUINÓCIO



GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MAÇONARIA PORTUGUESA
